

JACQUELINE IZUMI SAKAMOTO

Laboratório de Humanidades como *Paidéia* Crítica:
percurso estético em confronto a noção de Perfectibilidade
como dinâmica humanizadora em Saúde

Tese apresentada à Universidade
Federal de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Ciências

São Paulo
2015

JACQUELINE IZUMI SAKAMOTO

Laboratório de Humanidades como *Paidéia* Crítica:
percurso estético em confronto a noção de Perfectibilidade
como dinâmica humanizadora em Saúde

Tese apresentada à Universidade
Federal de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Ciências

Orientador: Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

São Paulo
2015

Sakamoto, J.I.

Laboratório de Humanidades como *Paidéia* Crítica: percurso estético em confronto a noção de Perfectibilidade como dinâmica humanizadora em Saúde / Jacqueline Izumi Sakamoto – São Paulo, 2015.

103 pgs.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-Graduação.

Título em inglês: Laboratory of Humanities as critical Paideia: aesthetic journey confronting the notion of Perfectibility as humanizing dynamics in Health

- 1) Laboratório de Humanidades 2) Humanidades e Saúde 3) Humanização em Saúde 4) Humanização como Paidéia Crítica 5) Percurso Estético Humanizador

Para Yannis e seu início na Medicina

Banca Examinadora

Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

Profa. Dra. Elena Vássina

Prof. Dr. Francisco Moreno Carvalho

Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé

Prof. Dr. Rafael Ruiz Gonzalez

Agradecimentos

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – pelo apoio financeiro concedido, Bolsa Doutorado

Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

CeHFI – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – UNIFESP

Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian orientador desta pesquisa - UNIFESP

Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez - Instituto de Psicologia/ USP

Profa. Dra. Elena Vássina - DLO /FFLCH / USP

Prof. Dr. Francisco Moreno Carvalho - Saúde da Família/ USP/ UNA-SUS

Prof. Dr. José Antonio Marques Maia de Almeida – CEDESS/ UNIFESP

Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé – Ciências da Religião/ PUCSP

Prof. Dr. Rafael Ruiz Gonzalez – EFLCH/ UNIFESP

Dr. Antônio Carlos Rossi (UNIFESP)

Dra. Carla Almeida (Genoma/ USP/ IPLA)

Profa. Dra. Cláudia Riolfi (FEUSP/ Genoma/ IPLA)

Dr. Roberto Pereira Miguel (UNIFESP)

Prof. Dr. Valdir Reginato (CeHFi/ UNIFESP)

Sra. Ivani Pereira

Sra. Mercedes de Oliveira Neto – CeHFi/ UNIFESP

Sra. Sandra Fagundes – Saúde Coletiva/ UNIFESP

Participantes do Laboratório de Humanidades – CeHFi/ UNIFESP

Participantes do Grupo de Estudos Humanidades e Humanização na Saúde – CeHFi/ UNIFESP

Massatoshi Sakamoto e Ayako Kuba Sakamoto

Yannis Ki Sakamoto Filidis

SUMÁRIO

Resumo	08
Abstract	09
INTRODUÇÃO	10
I. APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO DESTA PESQUISA	
Cena 1: <i>e-morte</i> ou a imortalidade virtual	22
Cena 2: Necropsia, ou uma nova forma (<i>obs-cena</i>) de satisfação	26
Cena 3: Museu de História Natural ou cidades desinteressantes	29
Cena 4: Cidades que comportam cidades ou a inscrição de cenas particulares no Laboratório de Humanidades	34
Projeto <i>As Patologias da Modernidade e os remédios das humanidades</i> : investigação e experimentação	37
Laboratório de Humanidades (LabHum) vertente experimental do Projeto	38
Percurso estético literário como Paidéia Crítica no Laboratório de Humanidades	43
II. DESUMANIZAÇÃO COMO SINTOMA PATOLÓGICO DA MODERNIDADE	
Cena 5: No front hospitalar	50
III. PERCURSO ESTÉTICO LITERÁRIO	
Cena 6: Literatura Clássica no Laboratório de Humanidades	70
Cena 7: LabHum como uma <i>cena</i> – ou ato – dentro de nossa vida...	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
BIBLIOGRAFIA	94
ANEXOS	101

Resumo

Laboratório de Humanidades como *Paidéia* Crítica: percurso estético em confronto a noção de Perfectibilidade como dinâmica humanizadora em Saúde

Este trabalho integra o Projeto de Pesquisa Regular FAPESP *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades*: investigação e experimentação, desenvolvido sob responsabilidade do Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian (processo 10/ 50448-0) e pretende com ele problematizar, na confluência entre investigação e experimentação, em que medida a desumanização pode ser vista como “sintoma patológico” da Modernidade quando segue como fundamento uma Antropologia da Perfectibilidade humana. E até que ponto a experiência das Humanidades podem ser apresentadas como “remédio” ou caminho de humanização (*Paidéia* crítica) no âmbito da saúde. A abertura à dimensão humanística do conhecimento conta com repertórios da Literatura, Filosofia, Religião, História e Artes como meio privilegiado das discussões acerca da humanização.

E tem como Objetivo Geral investigar o papel das Humanidades como caminho de humanização efetiva no âmbito da saúde partindo de uma experiência educacional concreta: o *Laboratório de Humanidades*, em especial, em seu percurso estético compreendido com base no referencial teórico de Mikhail Bakhtin, na dinâmica entre fruição de obras literárias e repertório filosófico conjugados. Para tanto realizaremos esta pesquisa numa abordagem metodológica Qualitativa, de cunho Etnográfico e na perspectiva da Observação Participante, por ser aquela que nos permite acesso à experiência, interações e documentos no contexto de um campo diferenciado.

Palavras chave: Laboratório de Humanidades; Humanidades e Saúde, Humanização em Saúde, Humanização como *Paidéia* Crítica, Percurso Estético Humanizador, Antropologia da Perfectibilidade.

Abstract

Laboratory of Humanities as critical Paideia: aesthetic journey confronting the notion of Perfectibility as humanizing dynamics in Health

This study is part of the FAPESP Regular Research Project *The pathologies of modernity and the remedies from humanities: investigation and experimentation*, developed under the responsibility of Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian (process 10/50448-0), and it intends to discuss, at the confluence of research and experimentation, to what extent dehumanization can be seen as a “pathological symptom” of Modernity, when following an Anthropology of Human Perfectibility as its basis; this work also intends to discuss to what extent the experience of Humanities can be presented as a “remedy” or a humanization journey (critical *Paideia*) within the health scope. The opening to the humanistic dimension of knowledge relies on repertoires of Literature, Philosophy, Religion, History and the Arts as a privileged means of discussion about humanization.

The study has also the General Purpose of investigating the role of Humanities as a way of effective humanization within the health scope, starting from a practical educational experience: the *Laboratory of Humanities*, particularly, in its aesthetic journey, based on the theoretical framework of Mikhail Bakhtin, in the dynamics between the enjoyment of literary works and the conjugated philosophical repertoire. To this end, we have carried out this research in a Qualitative methodological approach, of ethnographical nature, on the perspective of Participant Observation, for being the one which allows us to access experience, interactions and documents in the context of a distinct area.

Keywords: Humanities Laboratory, Humanities and Health, Humanization in Health, Humanization as Critical Paideia, Humanizing Aesthetic Journey, Perfectibility Anthropology.

INTRODUÇÃO

A consciência científica do homem moderno aprendeu a orientar-se em complexas condições de um “universo contingente”, não se desconcerta diante de quaisquer “indefinições”, mas sabe levá-las em conta e calculá-las. Essa consciência há muito acostumou-se ao universo einsteiniano com sua multiplicidade de sistemas de cálculo, etc. Mas no campo do conhecimento *artístico* continua, às vezes, a exigir a mais grosseira, a mais primitiva definição que, evidentemente, não pode ser verdadeira. (BAKHTIN, 1997, p. 275)

Esta tese integra a vertente experimental do Projeto de Pesquisa Regular FAPESP (10/50448-0) *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades*: investigação e experimentação, conforme problematizado por Gallian (et al 2012) em seu artigo *Humanização, Humanismos e Humanidades*, num contraponto às demandas que passam por discussões institucionais articuladas na forma de políticas públicas em âmbito governamentais (BRASIL, 2003) que vêm identificando a problemática da humanização na área da Saúde. Mas ao contrário de proposições protocolares acerca da humanização propõe um percurso *heterodoxo* de formação partindo de uma experiência empírica concreta, o Laboratório de Humanidades (LabHum) desenvolvido pelo Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeFHi) da UNIFESP/EPM. Experiência estética literária que não se limita fundamentalmente como racional cognitiva, mas que leva em consideração outros aspectos da existência humana, como o afeto, a inteligência e a vontade.

E foi realizada numa abordagem metodológica Qualitativa, de cunho Etnográfico (Cf. GEERTZ, 2009) e na perspectiva da Observação Participante (Cf. GEERTZ, 2009; MALINOVSKI, 1978, 1997), por ser aquela que nos permite acesso à experiência, interações e documentos no contexto de um campo diferenciado. O campo concreto de observação participante deste trabalho foi o Laboratório de Humanidades (LabHum), no período de 2011 – 2012, com duração de 4 semestres. Neste período, além da imersão em campo, recolhemos

como fonte primária para análise os relatórios finais de cada participante por módulo semestral.

A análise do material considerada na perspectiva da Observação Participante é caracterizada pela “preocupação em levar em conta a complexidade da natureza humana. Ele observa o ser humano em sua totalidade [...]” (FRASER apud MALINOVSKI, 1978, p. 6) ciente de serem dotados de vícios e virtudes, paixão e razão, sem poupar esforços para que faça emergir de seu campo as bases racionais e afetivas dos comportamentos humanos. O fundamento desta técnica de pesquisa consiste numa *aculturação* do pesquisador que acaba por assimilar conteúdos do universo cultural investigado, análogo ao aprendizado de uma língua estrangeira, onde se busca apreender os significados que emergem de uma totalidade integrada. Neste sentido realiza uma investigação da realidade cultural em sua dinâmica e transformações. (Cf. FRASER apud MALINOVSKI, 1978, p. XIV)

A construção dos sentidos em tal realidade compreendidas em sua dinâmica viva se encontram estreitamente vinculadas às diversas atividades humanas. E considera na teoria bakhtiniana a linguagem em uso, sua dimensão dialógica e interminável, onde participam ativamente o locutor e o interlocutor:

[...] toda palavra serve de expressão a *um* em relação *ao outro*.
[...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, M.M. ; VOLOSHINOV, V.N., 2006, p.117)

A palavra como *ponte* no princípio dialógico estabelece uma relação de interdependência entre aquele que enuncia, que dirige e projeta sua palavra a outros, e aguarda por possíveis respostas como num eterno e inconcluso diálogo. Neste movimento participativo entre locutor e interlocutor cada um atribui ao enunciado um novo sentido, um novo valor axiológico. Considerando a inconclusibilidade do diálogo não poderá haver uma última palavra proferida, os sentidos são dados neste grande movimento. Assim não podemos considerar em Bakhtin o diálogo como forma pacificadora de tensões e conflitos, pois cada

enunciação vem carregada de valores, onde o locutor assume posições em seus enunciados, discordando e concordando com outros enunciados. Aqui a Observação Participante ganha especial importância enquanto *aculturação* do pesquisador em seu trabalho porque o enunciado não pode se separar de seu contexto, sem isso perde toda significação inviabilizando a compreensão dos sentidos em questão.

A produção etnográfica consiste e abrange a personalidade do pesquisador em sua relação com as pessoas que estuda. E reafirma a necessidade de compreensão de sua própria postura no confronto com os problemas de campo que nunca poderão ser previamente postulados. (Cf. FIRTH apud MALINOVSKI, 1997, p. 30) Pois, ao contrário de um posicionamento que ambiciona um distanciamento olímpico de suas análises, a posição de um observador participante “[...] não é simplesmente de alguém que registra a vida de uma sociedade, mas também de alguém que tanto afeta esta vida como é afetado por ela”. (FIRTH apud MALINOVSKI, 1997, p. 32) Isto diz respeito a um saber que não nos separe mas antes nos una à experiência do que pesquisamos. A tradução desta experiência de campo foi enriquecida por Geertz (2009, pp. 18; 38) com foco de interesse na área da literatura, o “estar lá” em termos autorais.

Pela natureza de nossos julgamentos nessas questões, que é específica de cada pessoa (e não “pessoal”), o lugar óbvio para iniciar esse engajamento é a questão do que vem a ser um “autor” na antropologia. Pode ser que, noutros campos de discurso, o autor (juntamente com o homem, a história, o eu, Deus e outros petrechos da classe média) esteja morrendo, mas ele, ou ela, ainda está vivíssimo entre os antropólogos. Em nossa ingênua disciplina, talvez uma episteme atrasada, como de praxe, ainda é muito importante saber quem está falando.

Consideramos desta maneira que a metodologia escolhida está em plena correspondência com o campo concreto estudado. Uma vez que a pesquisadora comprometeu-se com o “testemunho ocular” numa história de “retrato deles”, comprometendo-se também com uma abordagem confessional e autoral da

construção do trabalho de campo (Cf. GEERTZ, 2009, p. 112) por ser ela mesma participante da mesma realidade. Neste “navegar em vários mares” (Cf. GEERTZ, 2009, p. 104) participando do evento Laboratório de Humanidades como campo de pesquisa a escrita deverá se realizar como um “verbo transitivo” (Cf. GEERTZ, 2009, p. 32). Na consideração da polifonia de vozes singulares (Cf. BAKHTIN, 1997) de cada participante que o implica responsabilmente na emergência do sentido, somos também implicados na realização de um ato criativo e autoral, que não anestesie a experiência humana em descrições vazias. Mas antes demonstre em ato a força criadora e responsável do percurso estético (BAKHTIN, 2010, 2006, 1997), sem álibis, não indiferente, portanto, humanizadora. Afinal, “A qualidade do conhecimento afere-se menos pelo que ele controla ou faz funcionar no mundo exterior do que pela satisfação pessoal que dá a quem a ele acede ou partilha”. (SANTOS, 1988, p. 20)

Assim, diante da abordagem metodológica escolhida, o período de imersão no campo concreto para observação participante foi de 2011-2012, com duração de quatro semestres. Foi importante esta seleção de longo alcance no tempo (quatro semestres) para garantirmos que o percurso estético pudesse ser explicitado como atributo do campo da pesquisa (Laboratório de Humanidades) e não como *consequência* de uma ou outra obra trabalhada. Dito de outro modo, a metodologia própria do Laboratório é que pode garantir o percurso estético literário. No final deste período recolhemos os relatórios finais de cada ciclo. Este material escrito foi eleito como a principal fonte de análise desta pesquisa por serem textos produzidos pelos participantes. E puderam ser confrontados com as discussões e temáticas observadas no campo.

As obras clássicas trabalhadas neste período no Laboratório de Humanidades foram:

- 1º Semestre 2011: *A Divina Comédia* de Dante Alighieri e *Alice através do espelho e o que Alice encontrou por lá* de Lewis Carroll.

- 2º Semestre 2011: *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley e *Zorba, o grego* de Nikos Kazantzakis.

- 1º Semestre de 2012: *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* de Johann Wolfgang von Goethe e *Vestido de Noiva* de Nelson Rodrigues.

- 2º Semestre de 2012: *Anna Kariénina* de Liev Tolstói e *O Coração das Trevas* de Joseph Conrad.

Em cada semestre o número de participantes variou entre 40 a 50 inscritos, considerando ser uma disciplina que reúne graduandos (de Medicina e Enfermagem, principalmente), pós graduandos da área da Saúde (oriundos de diversos programas e departamentos da Escola Paulista de Medicina) e participantes livres sem vínculo acadêmico. Ao final de cada ciclo semestral um relatório foi solicitado aos participantes, sendo que aos alunos de graduação e pós graduação é considerado como requisito para validação de créditos acadêmicos. Como nem todos os participantes necessitam desta validação o número de relatórios efetivamente considerados neste trabalho totalizaram 94 relatórios.

Salientamos que o trabalho com os relatórios mantém em anonimato a identificação de cada participante, sendo assim, prescinde do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Estes documentos encontram-se arquivados no Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi)/ EPM/ UNIFESP sob direção do Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian, também orientador desta pesquisa, que autoriza -conforme documento em Anexo - a leitura e análise do material.

E neste sentido, a fim de garantir o anonimato dos participantes a identificação dos relatórios foi estabelecida da seguinte maneira: *semestre/ ano/ número* do relatório. Em conformidade com a tabela a seguir (e em anexo) que mostra a especificação das obras trabalhadas no semestre:

Período	Nº Relatórios	Identificação	Obras lidas no período
1º Semestre 2011 109 páginas	22	*1/2011/R 01 à 1/2011/R 22	-A Divina Comédia Dante Alighieri -Alice através do espelho e o que Alice encontrou por lá Lewis Carroll
2º Semestre 2011 129 páginas	34	*2/2011/R 23 à 2/2011/R 46 **2/2011/R 47à 2/2011/R 56	- Admirável Mundo Novo Aldous Huxley - Zorba, o grego Nikos Kazantzakis
1º Semestre 2012 91 páginas	26	*1/2012/R 57 à 1/2012/R 74 **1/2012/R 75 à 1/2012/R 82	- Os Anos de Aprendizado de Wihelm Meister Johann Wolfgang von Goethe - Vestido de Noiva Nelson Rodrigues
2º Semestre 2012 44 páginas	12	*2/2012/R 83 à 2/2012/R 94	- Anna Kariénina Liev Tolstói - O Coração das Trevas Joseph Conrad
Total 373 páginas	94		

* Relatórios de alunos da Pós Graduação e Participantes Livres.

** Relatórios de alunos da Graduação em Medicina e Enfermagem.

Nos relatórios encontramos referências de cada participante a personagens, autores e obras lidas no semestre em que participaram. Porém o conhecimento das obras em questão não é indispensável para a leitura e compreensão do sentido atribuído no texto. Pois trata-se de um relato e reflexão a partir – e não sobre –as obras lidas. De qualquer maneira a tabela com a identificação dos relatórios por semestre poderá vir a esclarecer referências feitas nos recortes conforme a especificação das obras por semestre.

Com os relatórios devidamente identificados passamos então a leitura e releitura de cada texto buscando de certa maneira garantir uma *epoché* fenomenológica, contemplação *desinteressada*, como um compromisso na produção de um conhecimento *desinteressado*. Conforme Ponzio (apud JOBIM E SOUZA, PORTO E ALBUQUERQUE, 2012, p. 117), na consistência filosófica da reflexão bakhtiniana o conceito de *des-interesse* coloca o indivíduo, ou o pesquisador, numa situação de compromisso ilimitado:

[...] Bakhtin, desde seus primeiros ensaios, estabelece uma relação de recíproco compromisso entre unidade, singularidade, não intercambialidade e responsabilidade, entendida como absoluta, como “sem álibis”. Assim, o que de fato organiza o que está em volta de modo unitário e único não é uma consciência que tematiza, ou seja, não se encontra na relação cognoscitiva sujeito-objeto, mas dá-se, para Bakhtin, na individualidade de minha responsabilidade, pela qual nenhum outro pode ocupar meu lugar, e determina que eu não tenha álibis para viver.

Na sequência de cada relatório recortamos passagens ou frases considerando a *potência das palavras*. O que emergiu do texto pela força confessional e reflexiva e que demonstrou originalidade das impressões de cada participante. Sempre buscando garantir a autenticidade de sentido daquele que fala/ escreve e registra de forma livre sua experiência no Laboratório, tais como: o impacto e as impressões de sua leitura, a maneira pela qual confrontou sua posição na discussão com o grupo e, principalmente, reflexões e mudanças realizadas conforme sua percepção e vivência ao longo do ciclo.

Participar desse grupo, apesar de ter falado muito pouco, têm me dado a oportunidade de observar as diferenças de cada um e como podem ser respeitados em suas diferenças, lembrando o conceito de alteridade. Assim, me sinto fazendo autodescobertas dentro do próprio grupo, sem até explorar muito as obras, objetivo inicial de minha inserção no grupo. Necessitei de toda essa introdução, pois é o meu primeiro relatório e também para ilustrar que o valor desse espaço vai muito além do conhecimento e estudo das obras e o que elas desencadeiam em nós, mas que elas funcionam como mola propulsora para gerar o encontro de humanos com humanos e ver que através dessa imagem e semelhança, existe nós mesmos, funcionando assim como um verdadeiro laboratório de humanidades. (1/2011/R 07).

Estes recortes é que orientaram a estruturação do texto e seus conteúdos. Importante ressaltar que dada a especificidade do material empírico, assim como, do referencial bakhtiniano a estruturação do texto seguida da composição propriamente dita não segue de maneira linear nem busca uma categorização como estrutura, “[...] o material não deve guiar a pesquisa estética, mas sim, a *arquitetônica*, sua construção, entendida como ponto de encontro entre material, forma e conteúdo” (JOBIM E SOUZA, PORTO E ALBUQUERQUE, 2012, p. 119) Sendo assim, a produção etnográfica que considera o fenômeno em ação leva a partir da observação participante e da leitura dos relatos à uma análise e exploração aprofundada dos elementos emergentes em sua análise, resultando numa discussão que sintetiza e dialoga com os fundamentos teóricos em consonância com o percurso estético literário compreendido como formação (*Paidéia*) humanizadora.

A criação científica no paradigma emergente assume-se como próxima da criação literária ou artística, porque a semelhança destas pretende que a dimensão activa da transformação do real (o escultor a trabalhar a pedra) seja subordinada à contemplação do resultado (a obra de arte). (SANTOS, 1988, p. 20)

Ao longo desta pesquisa o desafio da escrita etnográfica (Geertz, Malinowski) que realiza uma confluência entre o campo observado, os relatórios escritos e o referencial teórico proposto tornaram-se evidentes. Consideramos a vocação do texto antropológico como: “Seja a etnografia o que mais for – uma busca malinowskiana da experiência, uma paixão straussiana pela ordem, [...] ela é acima de tudo, uma apresentação do real, uma verbalização da vitalidade”. (Geertz, 2009, p. 186) E que implica o pesquisador no trabalho com os relatos dos participantes e o referencial filosófico bakhtiniano conjugados em direção a uma forma que demarca uma paisagem intelectual diferenciada. E que considera a humanização compreendida como *Paidéia* na medida em que busca uma unificação das experiências da vida (profissional e pessoal) e da cultura. E neste sentido o desafio da escrita na confluência entre material/ conteúdo/ forma, que trate com fidedignidade o campo estudado buscou ampliar a concepção de humanidade e humanização na área da Saúde.

Finalmente, agradeço aos coordenadores e participantes pela feliz e produtiva experiência deste Labhum, com saldo muito promissor não só em termos educacionais e profissionais, como estéticos, na perspectiva de não excluir da atenção e compreensão (nem sempre concedidas) às sombras que permeiam o comportamento de nossa espécie, essenciais ao desenvolvimento da humanização, simultaneamente ao cultivo perene da afetividade e à luz da consciência, na aceitação de nossa humanidade em toda sua expressão contraditória e ambígua, que caracterizam nossa dualidade, entre espírito e corpo, vida e morte, refletidas no diálogo entre as obras, de acordo ao que nos suscitou e conforme procuramos demonstrar neste relato. (1/2012/R 70).

I. APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO DESTA PESQUISA

Existe um momento na vida dos imperadores que se segue ao orgulho pela imensa amplitude dos territórios que conquistamos, à melancolia e ao alívio de saber que em breve desistiremos de conhece-los e compreende-los, uma sensação de vazio que surge ao calor da noite [...]. É o desesperado momento em que se descobre que este império, que nos parecia a soma de todas as maravilhas, é um esfacelo sem fim e sem forma, que a sua corrupção é gangrenosa demais para ser remediada pelo nosso cetro, que o triunfo sobre os soberanos adversários nos fez herdeiros de suas prolongadas ruínas. (CALVINO, 1990, pp. 9-10)

Em *As Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino (1990) o imperador dos tártaros Kublai Khan escuta as histórias do famoso viajante veneziano Marco Polo enviado a conhecer suas cidades conquistadas. Não sabemos se o Khan acredita em todas as histórias sobre as cidades visitadas mas o escutava com maior interesse e curiosidade que aos outros enviados. Ao ser perguntado se repetiria as mesmas histórias para sua gente, Marco Polo adverte: “Eu falo, falo, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. [...] Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”. (p. 123) Calvino toma as cidades como símbolo da tensão insolúvel entre racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas, onde cada cidade comporta outras cidades em seu interior. Com nomes femininos, carregadas de ambiguidades e mistérios, revelam singularidades recobertas por uma aparência enganosa.

Ao considerarmos as cidades invisíveis como metáforas da própria existência humana destacamos a narração de Marco Polo sobre a cidade de Déspina: ela se apresenta de forma diferente para quem chega por mar e por terra, afinal, “cada cidade recebe a forma do deserto a que se opõe; é assim que o camaleiro e o marinheiro veem Déspina, cidade de confin entre dois desertos”. (pp. 21-22) O tema do deserto é muito caro e frequente na literatura, e diz respeito a um enfrentamento que se dá no limite de um desconhecido. Déspina recebe sua forma no confronto com um deserto – de terra ou de mar - como uma fronteira que possibilita dar relevo a um percurso antes realizado num cenário indiferenciado. E o viajante pode assim vislumbrar seus contornos diante de uma paisagem percebida como inabitual. Assim, o camaleiro diante do mar de Déspina imagina um navio que o leve para longe da areia, e o marinheiro, por

sua vez, a imagina como a corcunda de um camelo que o afastará do mar no comando de uma caravana por terra. Mas, o confim de cada cidade permanecerá desconhecido, ou invisível, uma surpresa que comporta outras surpresas em seu interior.

Entre a descrição de uma cidade para outra Kublai Khan desiste de escutar atentamente as histórias de Marco Polo e passa a despedaçar os elementos de suas descrições, reorganizando, invertendo e substituindo ingredientes na tentativa de reconstruir uma outra cidade. E pede a seu embaixador que verifique se a cidade por ele imaginada realmente existe. As cidades imagináveis são como sonhos, responde Marco Polo, e sonhos não sustentam suas muralhas. Mas por outro lado, “As cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas sejam enganosas, e que todas as coisas escondam uma na outra.” (CALVINO, 1990, p. 44)

Sonhos não sustentam muralhas, assim como “a sensação de vazio que surge no calor da noite” não nos autoriza, nem ao Khan, a despedaçar os elementos das cidades na tentativa de uma reconstrução imaginária da realidade. Deformar uma cidade nos leva a uma ilusão de cidade. Na realidade humana medos e desejos são constitutivos do estar no mundo e por mais secretos, absurdos e enganosos são os verdadeiros promotores da vitalidade quando se opõem a um deserto – excepcional porque imprevisível e desconhecido - e dele recebem sua forma. Vitalidade que nos possibilita não desistirmos de conhecê-las e compreendê-las porque, conforme Marco Polo, das cidades não aproveitamos suas maravilhas, mas antes “[...] as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca da Esfinge” (CALVINO, 1990, p. 44)

As Cidades Invisíveis de Calvino nos acompanha e convida a seguir no seu espírito de viajante por *nossas* cidades invisíveis. Nelas, cenas, cenários e relatos tanto mostram as ruínas que herdamos, quanto a dificuldade de discernimento resultante de fronteiras indefinidas. Será que nos faltam desertos? Ou será que já nos rendemos à ilusão de cidade? As perguntas que nos colocamos revelam as tentativas de compreensão daquilo que costumamos

chamar de nossa humanidade. Porque será através delas que poderemos perceber que:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (CALVINO, 1990, p. 150)

Cena 1: *e-morte* ou a imortalidade virtual

Seria pensável nos tornarmos virtualmente imortais? Ou melhor, se desejável o que tal sentimento diria de nós, de nossa subjetividade, da maneira como nos relacionamos com o mundo? Em fevereiro de 2014 um artigo no *New Yorker*¹, entre outros jornais, nos chama a atenção: uma empresa norte-americana apresenta um projeto em desenvolvimento - *Eterni.me*² - de empreendedorismo do MIT (Massachusetts Institute of Technology) ainda em estágios iniciais, onde os usuários são capazes de conversar com um avatar de um ente querido morto. A chamada no site é tocante no que diz respeito à realidade da morte e ainda nos provoca: morreremos cedo ou tarde, deixaremos umas poucas lembranças aos familiares, amigos e à humanidade, e eventualmente poderemos ser esquecidos. Mas, que tal sermos lembrados para sempre? Simples, por que não? Basta nos tornarmos virtualmente imortais.

O objetivo principal da empresa seria o de diminuir o impacto da morte e garantir a permanência do morto para seus entes queridos. Recolhendo uma enorme quantidade de informações e gerando um Você Virtual, um *avatar*, que simule a personalidade em questão e possibilite sua interação com amigos e familiares após a morte. O uso da inteligência artificial realiza assim a entrada da internet no atendimento às demandas da não-existência, um setor conhecido como *e-morte*.

[Ivan Illich]: O caso não está no ceco, nem no rim, mas na vida e ... na morte. Sim, a vida existiu, mas eis que está indo embora, embora, e eu não posso detê-la. Sim. Para quê me enganar? [...] Existiu luz, e agora é a treva. Eu estive aqui, e agora vou para lá! Para onde? [...] A morte. Sim, a morte. E nenhum deles sabe nem quer saber, e nem lamenta isso. Ocupam-se de música. (TOLSTÓI, 2006, pp. 46-47)

Compartilhamos um mundo “líquido moderno”, conforme Bauman (2000, 2004, 2011), o que significa dizer que nada permanece ou conserva suas formas

¹ Disponível em <http://www.newyorker.com/tech/elements/how-to-become-virtually-immortal>, último acesso em abril 2014.

² Disponível em <http://eterni.me/>, último acesso em abril 2014. O site foi colocado no ar para realizar uma pesquisa de mercado antes de dar início aos investimentos propriamente ditos. E trabalha no desenvolvimento de tecnologias que possibilitem o uso e armazenamento de um número muito grande de informações, além de outros desafios, tais como, dar sentido às informações coletadas.

por muito tempo. Vivemos sempre em ritmo de mudança, da moda (de pensamentos, comportamentos, crenças) aos objetos que chamam nossa atenção, sendo esta atenção continuamente mobilizada e desmobilizada, o que é atraente hoje poderá não ser amanhã. Mudamos os focos do que sonhamos e tememos, ansiamos e odiamos, do que nos traz esperanças e inquietudes. As oportunidades de alegria trazem consigo as ameaças de novos sofrimentos. Nas relações humanas laços são frouxamente atados para que possam ser desatados com menor dor. Neste nosso mundo líquido moderno a fluidez se realiza às vezes com tamanha velocidade que mal conseguimos conservar ou interceptar algo para melhor decidir com sensatez. Tudo nos surpreende por alguns minutos, o correto logo se torna fútil ou equivocado. Ser flexível, ágil, antenado, fluido, quase volátil, nos parece ser a ordem da vez. Histórias antes bizarras nos são apresentadas como um acontecimento próximo e familiar, até que uma nova bizarrice surja no horizonte. Mas o próximo e familiar pode ser bastante ilusório, quando olhamos algo próximo demais podemos perder a nitidez e o familiar, o que parece estar sempre à mão, esconde sob a claridade da suposta normalidade uma cortina onde um desconhecido acaba por passar despercebido.

Neste mundo sempre imprevisível onde pessoas fluem e refluem de nossas vidas a solidão é tenebrosa, incômoda e ameaçadora. A tecnologia das comunicações em massa vem de certa forma encobrir o vazio da solidão. A companhia que nos falta, porque onerosa na sua manutenção, pode vir a encarnar-se numa versão digital mesmo que sempre virtual. A obsolescência dos encontros face a face vem sendo alegremente substituída pelos encontros no Facebook, e isto vem demonstrando a necessidade sempre presente de companhia, porém sem o ônus de estar cercado de gente. Não há mais necessidade de sentir medo da solidão, expor-se às exigências que uma convivência corpo a corpo demanda. Porém, ao fugirmos da solidão deixamos de fora a chance da “[...] *solitude*: dessa sublime condição na qual a pessoa pode ‘juntar pensamentos’, ponderar, refletir sobre eles, criar – e, assim, dar sentido e substância à comunicação” (BAUMAN, 2011, p. 17)

Principalmente pelo caráter de vagueza e fluidez dos tempos atuais o que é bom, as fontes de alegria do hoje poderão deixar de existir amanhã: um bom trabalho, família, dinheiro, segurança, amor. A sensação de desconforto não nos

abandona e a lista de preocupações muito menos, os problemas que sequer conhecemos certamente nos encontrarão, e logo. De tantas incertezas o medo escorre. Ainda que busquemos identificar ou concentrar sensações específicas no contato com determinados objetos, pessoas, locais, animais, entre outros, a causa mesma do medo é muito difícil de precisar. Se considerarmos que mesmo com todo o aumento de conhecimento em relação aos processos da natureza, do nosso corpo e das relações pessoais que pudesse extirpar as fontes do medo seja absolutamente improvável, então o medo veio para ficar. E com ele todo o sofrimento humano. As ameaças sempre estarão no horizonte pairando sobre nosso bem estar. E a ineficácia dos instrumentos que temos à mão só aumenta a frustração. (BAUMAN, 2011, 2014)

Mas tudo nos indica que garantias e permanências não são características a serem esperadas do mundo. Diante do aleatório da natureza, do corpo e das relações humanas a incerteza é constitutiva do mal-estar no mundo e o medo é parte da condição humana. A liquidez de nossa época somente potencializa as incertezas na medida em que nenhuma instituição permanece mais como referência segura e estável. Dito de outro modo, os limites e as fronteiras continuamente em mutação dificultam ainda mais as escolhas e decisões, nos mostrando a precariedade dos arranjos para as aflições humanas. Porque limites estabelecem diferenças, diferenças necessárias na distinção sobre o saber e sobre o que esperar do lugar onde está e do que esperar do outro lado. Fronteiras nos dão confiança. A cultura como modo especificamente humano de ser começou com a imposição de um limite onde não havia nenhum (a noção de incesto), e desde então “[...] usou, descobriu ou construiu, de modo proposital, significantes para dividir, distinguir, diferenciar e separar objetos de percepção e avaliação, bem como modalidades preferidas, recomendadas ou impostas de responder a esses objetos.” (BAUMAN, 2011, p. 202) Significantes para diferenciar o que antes era uma massa informe.

De todas as incertezas, a fonte de todos os medos, a consciência da inevitabilidade da morte é o motor principal da cultura. Negar o limite dos limites, do transitório e do eterno, do finito e do infinito, acaba por negar aos seres humanos a capacidade de lidarem com a real brevidade da vida, realidade inegociável que desde os primórdios lançou asas às criações culturais como uma das molas mestras da atividade humana. Nada mais incompreensível e

desconfortável que a consciência da morte. Negar o incompreensível com a afirmação da felicidade plena, da satisfação plena, que busca neutralizar as contradições da vida parte de uma premissa impossível. O conforto das convicções não leva a mais vida, ao contrário, tornar o limite opaco pode nos levar à perda do presente e a passarmos pela vida como uma não existência.

A necessidade de simplificação e conforto engendra grandes mentiras e também nos dispensa da existência. O funcionamento do desejo humano não é compatível com a busca do conforto, ou seja, onde existe dificuldade maior será a força de vida. Importante ressaltar que limites não são barreiras intransponíveis, mas antes fronteiras que possibilitam interfaces, conexão e confronto, diferenciação. E neste sentido, sem fronteiras definidas, quem não se distingue de nada só pode tornar o nada imortal, um *avatar*, um impostor de si mesmo.

[...] é inútil determinar se Zenóbia deva ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados. (CALVINO, 1990, pp. 36-37)

Cena 2: Necropsopia, ou uma nova forma (*obs-cena*) de satisfação

A técnica da plastinação não é recente, foi desenvolvida por um assistente em anatomia da faculdade de medicina de Heidelberg que substituiu a água das células dos cadáveres ainda frescos por materiais plásticos como resinas epóxi. Isto resultou na interrupção definitiva dos processos de putrefação e na rigidez do corpo que pode assim ser fixado em poses que lembram os vivos, adquirindo plasticidade e permanecendo maleável, inodoro e seco. Esta técnica foi desenvolvida e patenteada em 1977 pelo anatomista alemão Dr. Gunther von Hagens do Instituto de Anatomia de Heidelberg. Porém, a inovação além de científica foi de outra ordem, digamos “artística”; von Hagens transformou materiais de estudo em peças de exposição, uma exposição itinerante de “arte” anatômica, chamada Body Worlds³, que desde 1995 vem atraindo milhões de visitantes em vários lugares do mundo. Chama atenção a forma em que as “obras” são expostas à visão, inteiras, fatiadas na horizontal e na vertical, deixando vísceras, cérebro e até um feto dentro do útero à mostra. Fato é que o uso de cadáveres passa a ter outra finalidade, com fins “estéticos”, para que se possa gozar deles.

A plastinação protege da putrefação permitindo aos corpos uma eternidade marmórea, e se faz ela mesma sua própria sepultura. Imaginemos que logo tal prática se torne mais acessível economicamente, se não tão acessível que ao menos pudéssemos preservar apenas uma parte mais querida do destino da putrefação, podendo assim conservar, na sala de estar por exemplo, o cadáver de um familiar preferido. E tudo “esteticamente” harmonizado com o restante da instalação. Objeções morais poderiam ser reduzidas pelo destino utilitário e estético destinado ao cadáver; afinal, dispensa sepulturas, é mais higiênico e apreciável. Assim, o cadáver é investido de uma nova dignidade na medida em que se torna objeto a ser perpetuado, a ser continuamente visto para além da vida. O próprio “artista” von Hagens já destinou seu corpo a uma futura plastinação, garantindo aos seus admiradores a possibilidade de continuar a segui-lo e a gozar de sua presença.

³ Cf. <http://www.bodyworlds.com/en/prelude/ny.html>, último acesso em setembro 2014.

[Ivan Illich]: Via neles a si mesmo, tudo aquilo de que vivera, e via claramente que tudo aquilo era não o que devia ser, mas um embuste horrível, descomunal, que ocultava tanto a vida como a morte. A consciência disso aumentou, decuplicou os seus sofrimentos físicos. (TOLSTÓI, 2006, p.72)

Esta segunda cena foi apresentada pelo psiquiatra e psicanalista francês Charles Melman (2008) como paradigmática de uma mutação cultural e subjetiva para tornar sensível que estamos ultrapassando os limites. Esta exposição e, principalmente, seu sucesso popular deveriam nos levar à busca de novos saberes que possam dar conta do que entendemos como nossa humanidade. Uma das características da espécie humana sempre foi o destino e tratamento reservado aos mortos pelo respeito que os cerca. O cadáver antes protegido e reservado permanecia na memória com um caráter sagrado – que comporta o desconhecido e não-natural. Na medida em que voluntariamente pessoas vêm a ceder deste tratamento colocando-se em exposição após a morte nos parece indicar que a necessidade de transparência e exibição segue na ordem do dia. Ainda que cercado das melhores justificativas – educativas, informativas, científicas – não podemos negar que a ultrapassagem do que antes nos era proibido pode vir a se tornar banal na medida em que os procedimentos técnicos sigam seu curso sem nenhuma oposição. Instalada ainda com o auxílio de uma nova moral onde a responsabilidade do sujeito fica diluída diante de reações puramente orgânicas, quando se rende e se mostra tal qual um objeto de satisfação, e em consequência, a satisfação de um organismo. Não se trata de necrofilia, mas antes uma espécie de necropsopia, a morte se torna objeto de satisfação do olhar, como mais uma fonte obscena de benefícios. (MELMAN, 2008) Exibir o cadáver, ser visto e ser falado após a morte mais nos parece uma substituição da falta de autenticidade durante a vida.

O pensar implica uma reflexão que se interroga sobre os invariantes da condição humana que devemos ou deveríamos transmitir, o que desejavelmente deve permanecer. As consequências antropológicas são incalculáveis para sujeitos que se veem livres, liberados, de qualquer dívida com as gerações precedentes e entregues à pura necessidade de satisfação permanente. Dívida aqui entendida como dívida simbólica, fundada na gratidão por alguém ou uma instância que nos ampara. Sem ela, assistimos a um progresso invejável mas ao mesmo tempo portador de grandes ameaças. O céu se encontra vazio, tanto de

Deus como de ideologias, nenhuma promessa, nenhuma referência. Os indivíduos libertos do ônus de um passado devem determinar a si mesmos com todas as dificuldades a que são confrontados sem dispor de balizas confiáveis para tomadas de decisões. E se por um lado somos testemunhas de grandes invenções nos últimos séculos – na matemática, na lógica, política, biologia – por outro, assistimos uma liquidação coletiva dos elos, das ligações amorosas que nos uniam a uma figura de autoridade, geracional, que se reporta a uma tradição ou mesmo a um saber. Isto é fonte de uma liberdade notável e ao mesmo tempo de angústia insuportável e esterilidade do pensamento. (Melman, 2008; Bauman, 2000, 2004) Na atual crise de referências onde os limites foram pulverizados, o exemplo da relação diante da morte é somente uma das situações que demandam uma outra atitude do sujeito liberto.

O catálogo de formas é interminável: enquanto cada forma não encontra a sua cidade, novas cidades continuarão a surgir. [...] Nos lugares em que as formas exaurirem as suas variedades e se desfazem, começa o fim das cidades. (CALVINO, 1990, p. 126)

Cena 3: Museu de História Natural ou cidades desinteressantes

Esta questão sobre olhar o mundo e sobre estar na vida por inteiro rondou meus pensamentos por alguns dias, sobretudo porque nas últimas semanas estive imersa numa rotina em que percorri vários setores do Departamento de Pediatria do Hospital XXXX. Nestas andanças, de uma posição privilegiada, de quem não está inserida na rotina, portanto vendo tudo de um mirante, pude sentir em várias situações que há um completo alheamento das pessoas em relação a tudo ao seu redor. Em alguns setores só se consegue ser percebido se estiver infringido alguma regra, aí sim, não apenas se é notado por alguém como também se ganha uma sonora bronca.

É indiscutível que num serviço da saúde, principalmente quando se trata de um hospital, várias exigências e normas devem ser cumpridas para que o atendimento às pessoas e o trabalho da equipe tenha bons resultados. Entretanto estas normas não podem ser o objeto de paixão de funcionários que muitas vezes se esquecem de que o principal objetivo do seu trabalho é o bem-estar de pessoas. É lógico que bem-estar de todos e o tempo todo é uma condição utópica, mas as pessoas que trabalham em determinados setores se sentem o tempo todo oprimidas, infelizes e tensas não pode ser legal ou encarado com normalidade, ou o que é pior como qualidade.

O resultado é que em muitos lugares que passei no Hospital me sentia como se estivesse transitando em um Museu de História Natural, cercada de pessoas empalhadas, com olhares que nos atravessa sem se reter a imagem do outro. No entanto, a partir desta observação, me lembrei que durante um tempo também estive neste estado de *não-espírito*, de *não-pessoa*, sem me dar conta disto. É impressionante como na formação somos levados a acreditar nas normas, condutas, padronizações que regulam e classificam as pessoas em normais ou alteradas. É lastimável que a maioria das pessoas sensíveis, dotadas de uma grande compaixão e com um genuíno interesse em ajudar as pessoas, mas com o decorrer da atuação profissional estas características vão se diluindo na rotina dura e a vida vira um protocolo. (2/2011/R 43)⁴.

Esta terceira cena foi relatada por uma das participantes do Laboratório de Humanidades e nos remete a uma das cidades visitadas por Marco Polo, a cidade de Bauci, que quase não é percebida através das matas porque se eleva acima das nuvens por finas andas, como pernas de flamingo. Seus habitantes

⁴ O principal material de análise deste trabalho são os relatórios finais produzidos pelos participantes do Laboratório de Humanidades. Para preservarmos o anonimato de cada participante optamos pela seguinte forma de identificação: semestre/ ano/ número do relatório. Desta maneira é possível consultar na tabela em anexo a especificação da obra lida no semestre. Explicitamos a escolha e tratamento do material no escopo desta pesquisa nas páginas 39-41.

raramente são vistos em terra, nada além das andas toca o solo, e sobre eles Marco Polo levanta três hipóteses:

[...] que odeiam a terra; que a respeitam a ponto de evitar qualquer contato; que a amam da forma que era antes de existirem e com binóculos e telescópios apontados para baixo não se cansam de examiná-la, folha por folha, pedra por pedra, formiga por formiga, contemplando fascinados a própria ausência. (CALVINO, 1990, p. 73)

Nossa cultura ocidental tem uma característica que a distingue de muitas outras, é tributária dos grandes textos – sagrados, literários, poéticos, dramáticos, contos, narrativas, mitos –, foi fundada por eles. Grandes no sentido de organizadores e sustentáculos de nossas condutas e pensamentos, na medida em que instauram bases para questionamentos acerca de nossa humanidade. Nestes textos encontramos as primeiras histórias do ser humano que tecidas ao longo de épocas permitem ao homem que não se veja nu e sem ancoragem diante da existência. Funcionam como mediadores simbólicos que investem sentidos às sensações, oferecendo distinção entre o que nos é interno e próprio (experiência) e a realidade externa (fato ou acontecimento). A grandeza destes textos está em nos oferecer alguma capacidade (mal conquistada) de conviver sem mentiras com a tragédia humana diminuindo na medida do possível o império da lamúria.

E hoje vivemos um momento excepcional nunca visto antes, vivemos numa época marcada pela desvalorização textual. Em seu lugar legitimamos poder, a eficácia e o rigor do número, na medida em que ele rege a organização em que nos submetemos. A escrita científica lógica e matematicamente determinada exclui de seu percurso tudo que possa manter traços de erro, de inesperado. Rejeita tudo que a intervenção de um sujeito humano implica. Dispensa aquele que fala, pensa, tem dúvidas e existe. E isto tanto diz respeito ao profissional da saúde quanto ao portador de uma doença. Ambos se veem negados por este tratamento científico e sentem a necessidade de serem levados em consideração em algum lugar em que os escutem. Não se trata mais de uma palavra revelada, mas da escrita de um número. Seja como objeto da experimentação. Seja como parte de uma rotina dura que visa a defesa diante do aleatório.

Ora, que prazer se pode ter em desejar segundo uma tabela? Mais ainda: no mesmo instante, o homem se transformará num pedal de órgão ou algo semelhante; pois que é um homem sem desejos, sem vontades nem caprichos, senão um pedal de órgão? (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 40)

Seria assim possível pensarmos a humanização do homem, do profissional, com bases somente em prescrições técnicas? Isto nos leva diretamente ao tema da transmissão e dos fundamentos que sustentam, ainda que equivocadamente, a ideia de humanização. Na medida em que seguimos rumo a um mundo limpo deixamos de transmitir às gerações posteriores tudo que possa ser considerado repugnante ou doloroso. Importante lembrar que a decepção é necessária para dar assentimento à realidade. Somente uma realidade subordinada a um virtual poderia passar por *correções* arbitrárias, tais como operações matemáticas, reinventando a realidade da trama para que o resultado se apresente conforme um ideal de vida. E o que hoje transmitimos? Antes o que se transmitia às gerações posteriores era o essencial: um estado de espírito, uma maneira de compreender o mundo e de se sustentar, e que de certa maneira regiam as atitudes e sensibilidades mantendo um campo aberto às novas formulações. Hoje, a transmissão, assim como na ciência, é positiva: transmitimos bens ou dívidas reais. Não se recebe da geração precedente um mínimo que sirva de ajuda para realmente viver. Sendo que a verdadeira questão não é o saber em si, mas a relação que estabelecemos com ele, o que o funda, sua relatividade e seus usos. Hoje a questão dos fundamentos não se encontra mais na ordem do dia. O saber só vale na medida que é técnico, tecnológico e dá acesso ao mercado imediato. A desvalorização do textual ganha aqui contornos traumáticos, pois é a dimensão simbólica que acaba perdendo eficácia, sendo que é por ela que poderíamos nos interrogar acerca da realidade como tal. (MELMAN, 2008)

Sou farmacêutica e infelizmente percebo a falta de humanidade com a qual a maioria dos profissionais da área da saúde realiza suas atividades. Na graduação, e até na pós-graduação há uma grande deficiência de cursos voltados para a humanização, as grades estão planejadas como se apenas a parte técnica fosse

importante e suficiente para formação de bons profissionais, quando na verdade sabemos que as duas coisas precisam estar interligadas para que os profissionais da área da saúde sejam completos e exerçam suas funções de uma maneira ética, consciente e humana. (2/2011/R 46).

A questão do ensino já foi concebida numa ótica humanista e tratava de transmitir um estilo, um espírito e conhecimento. A aquisição de uma posição social e profissional vinha por acréscimo. Acréscimo antes evocava uma espécie de gratuidade e soa hoje em dia como algo incongruente. Quando buscamos acréscimo é um acréscimo de performance. Lidamos hoje no ensino como um tudo com escolas profissionais que desvalorizam todos os repertórios que não contribuam direta e imediatamente a uma hipotética formação profissional. Para que serviriam os saberes das Humanidades nesta ótica? Certamente não para aperfeiçoar performances. Pois, questionamentos acerca das origens, dos fundamentos e da realidade jamais receberiam uma resposta exata. Ao substituímos os desdobramentos destas questões fornecendo um acúmulo de conhecimentos e informações chegamos a apagar no sujeito o próprio desejo de saber. No acúmulo de conhecimentos e informações como resposta positiva não há mais lugar para nenhuma busca de verdade, há apenas um tudo a conhecer, a saber como funciona e nada a questionar. Sendo que é a não-resposta (fixa e exata), que sustenta nosso questionamento. (MELMAN, 2008)

Da mesma maneira que o progresso expande continuamente os limites das ciências, empurra igualmente os interditos morais. Estes, por sua vez, perdem cada vez mais sua consistência, tornam-se vagos e nebulosos, encontrando correspondência na também vaga noção de sucesso. Subjetividades lábeis anseiam por um porto seguro, infligem a si mesmas tormentos artificiais, como por exemplo, prolongar uma existência sem perspectivas. Ou ainda, orientar condutas somente de acordo aos protocolos. Nas cidades desinteressantes de nossa época a excepcionalidade acaba sendo consumida em empreendimentos menores de maneira que muitos sobressaiam pouco, desempenhando queixosos e humildes papéis medíocres, ainda que justificados por uma suposta segurança. No lugar de nos interrogarmos sobre o destino do expresso progresso simplesmente nos rendemos ao seu usufruto e com ajuda de uma moral atenuada o bem estar no mundo nos parece mais confortável - importante lembrar que civilização e conforto não são compatíveis.

(MELMAN, 2008) Mas por outro lado, o próprio mundo se torna desinteressante, como uma visita a um Museu de História Natural, contemplando fascinados nossa própria ausência.

Cena 4: Cidades que comportam cidades ou a inscrição de cenas particulares no Laboratório de Humanidades

Em documentário biográfico sobre o poeta mato-grossense Manoel de Barros há uma citação que considero fantástica: “tudo que não invento é falso”. Acho que é disto que o Admirável Mundo Novo (HUXLEY, 2009) fala de uma sociedade que não sofre a falta, não cria no vazio. Em nome da estabilidade se paga o preço de uma vida artificial, condicionada para a felicidade e por isto mesmo oca, um deserto de emoções, pois exceto pelo incômodo de alguns personagens, a vida não pulsa, não há desejos e não há sonhos, e por isto mesmo nem da tristeza eles podem desfrutar. (2/2011/R 43).

No Labhum se falou da instabilidade do ser humano como um fato verificável, uma característica inata nossa. A constante procura de soluções finais, fixas e imanentes - inclusive dentro da própria saúde- na que estamos envolvidos atualmente levou a problematizar o fato da instabilidade, e daí concluir que as soluções finais não dão conta da nossa essência caótica. Isto não só fica claro no percurso das personagens dos livros (Cf. HUXLEY, 2009; KAZANTZÁKIS, 1973), senão também com as nossas próprias experiências pessoais. (2/2011/R 27).

Os relatos apresentados nesta cena nos dão a ver que as ações humanas não só poderiam comportar o imprevisto e o instável, mas antes, que necessitam deles. Tal como na cidade delgada de Otávia, a cidade-teia-de-aranha, que Marco Polo conta como é feita a quem quiser acreditar: entre duas montanhas escarpadas existe um precipício e a cidade fica no vazio, tendo como base uma rede que é ligada aos dois cumes por fios, correntes e passarelas. Abaixo não há nada, passam algumas nuvens e por elas mal se vê o fundo do desfiladeiro. Porém, “Suspensa sobre o abismo, a vida dos habitantes de Otávia é menos incerta que a de outras cidades. Sabem que a rede não resistirá mais que isso.” (CALVINO, 1990, p. 71)

Sabendo-a instável porque suspensa sobre o abismo, os habitantes de Otávia não mascaram o limite dos arranjos que a sustentam, fios, correntes e passarelas. A vida é menos incerta porque consideram a precariedade dos arranjos e não se tornam reféns de uma estabilidade imaginária - de uma ilusão de cidade - e não pagam como tributo uma vida que não pulsa, é oca, sem desejos e sonhos. A cidade de Otávia não nega a realidade, muito pelo contrário, ancora nela.

A ancoragem na realidade implica considerar o incerto certo, sem garantias, previsões e estabilidade. E considera também o reconhecimento que o penoso pode ser verdadeiro. Saber que “a rede não resistirá mais que isso”, que não é um arranjo estável e duradouro, poderia nos levar a uma antecipação da morte, e a vida antes de ser considerada um bem precioso acabaria por perder seu valor porque fadada à extinção. É sempre difícil renunciar às perdas. Porém, na consideração da transitoriedade do belo (FREUD, 1916 [1915]) o valor da vida aumenta diante da escassez do tempo, pois ao limitar a fruição apreende a fugacidade da vida no presente. Não numa ilusão de futuro estável, e muito menos numa ilusão de passado idílico. A vida que pulsa comporta medos e desejos que são promotores de vitalidade quando se opõem ao limite dos arranjos que a sustentam, e deles ganha forma. “Criar no vazio”, ao contrário das “soluções finais”, nos parece dizer respeito a dar forma aos desejos, sem cancelar as cidades nem ser por elas cancelado. Desejo em ato como uma inscrição particular, uma assinatura, num todo antes percebido pela estabilidade monótona de aparência enganosa.

A quarta cena também foi relatada por participantes do Laboratório de Humanidades e constitui parte do material trabalhado nesta pesquisa. E, assim como nas *Cidades Invisíveis*, demonstra uma tensão entre racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas presentes no contexto da Humanização em Saúde. Procuramos apresentar cenários mais amplos onde questões fundamentais da existência humana – morte, imortalidade, destino reservado aos mortos – encontram ressonância em cenários específicos, como hospitais e universidades, relatados por profissionais da área da saúde. Não se trata de cultivar uma mente “mórbida” que se indaga a respeito da morte o tempo todo. Até porque sobre isto nenhuma resposta é possível, somente lidamos com a morte de maneira indireta. Mas a elaboração das perdas ao longo da vida é necessária, a sua negação poderá vir a manter uma atitude de indiferença em relação ao presente da realidade, na medida em que se opõe ao movimento, à transitoriedade de tudo que vive, e paralisa confiante na existência de um paraíso imaginário - passado ou futuro – resultando numa nebulosidade de julgamento sobre o que é fantasia e o que é realidade. Afinal, “Crescer é esconder a massa

de tecido cicatricial interno que lateja em nossos sonhos”. (BECKER, 2007, p. 52)

Crescimento como renúncia sustenta o desejo humano como expressão de um não saber. Renúncia principalmente a uma imagem idealizada de si mesmo, uma ilusão de cidade. Uma imagem estabilizada que por sua vez projeta racionalmente um mundo ideal conforme seu reflexo. Nenhuma imagem, ou miragem, poderia sustentar a realidade como vida “incerta”. Os custos destas tentativas se encontram na realização da vida como “não-espírito” ou “não-pessoa”, como parte mecânica num todo uniforme e prescrito.

As *Patologias da Modernidade* se dão a ver nesta vestimenta imaginária na área da Saúde. E a hipótese deste trabalho compreende que os remédios das humanidades - literatura clássica - comportam o crescimento como renúncia, um desbastamento das imagens idealizadas porque ancoradas na realidade da existência humana, incerta, transitória, instável e apaixonante. E neste sentido manifestações da verdade humana em relação à falta de saber, ao incerto e incompleto, tudo aquilo que a presença de um sujeito humano implica. Esta dinâmica humanizadora (*Paidéia* crítica) na área da saúde é constitutiva do método encontrado no Laboratório de Humanidades, objeto desta pesquisa, em especial no seu percurso estético literário.

Agora se faz necessário apresentar de forma breve as cidades que comportam cidades, os desertos a que se opõem e que possibilitaram a esta pesquisa ganhar sua forma.

Projeto *As Patologias da Modernidade e os remédios das humanidades*: investigação e experimentação

O Projeto regular de pesquisa *As Patologias da Modernidade e os remédios das humanidades: investigação e experimentação* (FAPESP 10/50448-0) iniciado em 2009 congrega diversos pesquisadores em nível de Iniciação Científica (dos cursos de Medicina e Enfermagem), mestrado e doutorado dos Programas de Saúde Coletiva e Ensino em Ciências da Saúde da EPM/ UNIFESP. E busca contextualizar a discussão sobre Humanização na Saúde apontando os fundamentos históricos/ filosóficos modernos sobre o tema problematizando as propostas de políticas públicas de humanização.⁵

As pesquisas são realizadas em duas vertentes: a primeira tem caráter investigativo-arqueológico sobre determinada concepção de humanismo moderno responsável pelo fenômeno patológico da desumanização, na medida em que segue como fundamento uma Antropologia da Perfectibilidade. Esta vertente mais teórica também investiga bases e pressupostos dos atuais programas e políticas de humanização na Saúde.⁶ A segunda vertente procura avaliar experiências de humanização partindo do campo das humanidades como um caminho heterodoxo de formação humanística e humanização na área da Saúde. Esta vertente enfoca, fundamentalmente, o Laboratório de Humanidades (LabHum), que parte da leitura de clássicos da literatura universal como caminho de formação humanística e promoção da humanização na área da Saúde.⁷

⁵ Cf. Artigo publicado como resultado parcial do projeto: GALLIAN, D. M. C.; PONDÉ, L. F. . RUIZ, R. *Humanização, Humanismos e Humanidades*: Problematizando Conceitos e Práticas no Contexto da Saúde no Brasil. **Revista Internacional de Humanidades Médicas**, Madrid, Espanha, v. 1, n.1, p. 5-15., 2012. Disponível em: <http://salud-sociedad.com/publicaciones/revista> último acesso em ago 2012.

⁶ Sobre a vertente investigativa do projeto Cf. MIGUEL, R.P. *A Arqueologia de uma Babel Moderna: Fundamentos Históricos-Filosóficos da Política Nacional de Humanização (PNH)*. 2014. 111 f. (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo. 2014.

⁷ Sobre a vertente experimental Cf. BITTAR, Y.; SOUSA, M. S. A.; GALLIAN, D. M. C. *A experiência estética da literatura como meio de humanização em saúde*: o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo., **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 17, n. 44, mar 2013. Available from. access on 03 July 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832013000100014>. LIMA, C.C.; GUZMAN, S.M.; BENEDETTO, M.A.C.; GALLIAN, D.M.C. Humanidades e humanização em saúde: a literatura como elemento humanizador para graduandos da área da saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 48, 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100139&lng=en&nrm=iso>.

GALLIAN, D. M. C. *Literatura e formação humanística em medicina*: o experimento do Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP. **Revista de Medicina**, v. 91, n. 3, 2002. <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/58979>.

Laboratório de Humanidades (LabHum) vertente experimental do Projeto

O Laboratório de Humanidades do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi) da Escola Paulista de Medicina (EPM/UNIFESP)⁸ é uma atividade que podemos considerar como autenticamente universitária na medida em que reúne ao mesmo tempo: disciplina de Graduação (medicina, enfermagem, fonoaudiologia e ciências biomédicas), disciplina de Pós-Graduação para programas do campus São Paulo, atividade de extensão e abertura aos participantes livres (funcionários e membros da comunidade UNIFESP). Nela a multiplicidade de interesses, idades e inserções sociais e acadêmicas constituem sua maior riqueza e dinâmica. Em desenvolvimento desde 2003 na Escola Paulista de Medicina/ UNIFESP, inicialmente como continuidade da disciplina de Graduação em História da Medicina, foi ganhando corpo em maiores proporções até a forma em que funciona hoje: como um grupo de reunião semanal onde são discutidas obras da literatura clássica, moderna ou antiga.

Com metodologia própria delineada ao longo de sua existência apresenta uma dinâmica que em sua forma atual se dá em ciclos semestrais que comportam a leitura de um a dois livros por semestre. As obras são escolhidas pelos coordenadores e devem ser previamente lidas pelos participantes. Os encontros são semanais e têm a duração de noventa minutos, sendo que a carga horária total de cada ciclo é de vinte e oito horas. Hoje o LabHum funciona com duas turmas nas quais a média de participantes em cada uma é de trinta pessoas.

Iniciei no Labhum em março deste ano. Confesso que quando o professor Dante me explicou como funcionava o laboratório fiquei intrigada e ao mesmo tempo confusa. Minha dúvida era de como a discussão de obras literárias, uma experiência estética, poderia estar relacionada com a humanização e com a saúde. Entrar com o grupo iniciado também gerou mais expectativa, mas na primeira reunião que participei encantada com as possibilidades daquela vivência. (1/2011/R 03).

⁸ Maiores informações sobre o desenvolvimento do Laboratório de Humanidades disponível em << <http://www2.unifesp.br/centros/cehfi/portal/index.php/index.php> >>.

No primeiro encontro os coordenadores explicam a dinâmica e esclarecem os fundamentos que norteiam a atividade. E procuram demonstrar a possibilidade de relação entre experiência estética, processo de reflexão desencadeado nas discussões e, como consequência, o efeito humanizador resultante. O que pressupõe uma requalificação da compreensão sobre o conceito de humanização corrente na área da Saúde.

O "LabHum" é um espaço de interação dinâmica que procura sensibilizar os participantes por meio dos relatos de experiências de leitura, discussão e compartilhamento de sentimentos, impressões e ideias suscitadas pelas obras literárias escolhidas pelos coordenadores. A metodologia do laboratório convida a falar sobre as emoções, sentimentos, afetos, impressões que a leitura da obra suscitou. Posteriormente realiza-se também o levantamento do conjunto de ideias mais representativas. O objetivo final é a sensibilização dos participantes a través da Literatura como elemento provocador/estimulador.

Por outro lado, humanizar no sentido de gerar sensações e impressões novas que virão a nos interpelar, ou seja, virão a contestar nossos esquemas ou preconceitos estabelecidos. (2/2011/R 27).

A primeira fase da dinâmica é chamada de *história de leitura*, um "compartilhamento de sentimentos, impressões e ideias" suscitadas pela leitura individual, conforme o relato de um dos participantes. Não se trata de contar a história do livro, mas antes, de contar *sua história de leitura*, trazendo "emoções, sentimentos, afetos e impressões" causadas pela primeira leitura. (BITTAR, Y.; SOUSA, M.S.A.; GALLIAN, D.M.C., 2013)

Terminada esta fase o coordenador elabora e propõe um *itinerário de discussão*, fase mais extensa do ciclo – de cinco a sete semanas – onde trabalhará núcleos temáticos, personagens, valores emergentes das histórias de leitura. Aqui as discussões normalmente remetem a situações da vida pessoal e profissional, levando os participantes a reverem suas próprias posições. Conforme um dos participantes:

A forma como tem sido conduzido esse estudo também é muito interessante, pois é dada a liberdade de expressão de pensamentos e sentimentos de forma acolhedora, respeitando cada um em sua singularidade, propiciando um compartilhamento de ideias e, principalmente, dando

oportunidade e espaço para uma reflexão dos conteúdos expostos. Hoje, na modernidade, no ritmo acelerado que estamos vivendo, não nos damos chances de refletir sobre a vida, sobre nós mesmos. Portanto, tenho sentido esse espaço como uma oportunidade de estudo, de trocas, de reflexões e, conseqüentemente, de autoconhecimento, à medida que nos promove, muitas vezes, ver o nosso próprio reflexo no espelho que as obras e o grupo trazem. (1/2011/R 07).

Este ver-se no espelho decorrente da força e penetração da obra literária:

Foi muito impressionante perceber como a obra penetra nas nossas vidas. Parecia como se ela já estivesse dentro de nós. E não estou falando de racionalizações acadêmicas sobre o conteúdo literário da obra; mas sobre a essência, sobre as histórias humanas ali contidas - e o Laboratório proporciona a curiosa experiência de senti-las. (1/2011/R 21).

As “histórias humanas” contidas nas obras que “penetram nas nossas vidas” e que acabam gerando um processo de reflexão que amplia temáticas “essenciais” sobre a realidade humana e que não encontram espaço no cotidiano da vida:

Laboratórios de Humanidades, processo de reflexão filosófica, onde deixamos o "exterior" e, em muitos momentos encontramos a nós mesmos. Em cada personagem, acontecimento, fato, discutimos questões essenciais, como vida, morte, valores, felicidade, consciência, liberdade, alienação, previsibilidade, amor, sexo, paixão, condicionamento, carências, instabilidade, estabilidade, solidão, consumismo, entre outras. (2/2011/R 24).

As *histórias de convivência* fecham o ciclo de leitura e discussão de cada obra e encerram o *itinerário de discussão*. Nesta fase é solicitado a cada participante que exponha uma análise livre e pessoal da experiência que vivenciou, tanto da leitura quanto da discussão e compartilhamento no grupo. (BITTAR, Y.; SOUSA, M.S.A.; GALLIAN, D.M.C., 2013) Importante ressaltar o caráter de abertura e continuidade proporcionado pela experiência, qualificando dúvidas e abrindo novas perspectivas para continuidade:

Diante de todas essas questões, para mim a mais importante experiência do Laboratório de Humanidades, é que não obtemos respostas para as questões da existência humana. Um mesmo

fato pode ser visto e vivido de várias maneiras, dependendo da experiência de vida de cada um, e que a maneira de enxergar a vida é o que nos faz questionarmos o tempo todo, o que pode ser um começo para relações humanizadas e, principalmente, o quanto a literatura é um excelente caminho para essas descobertas. (2/2011/R 38).

Para os alunos de graduação e pós-graduação um relatório é solicitado ao final do ciclo como requisito para validação de créditos acadêmicos. Nele cada participante realiza de forma livre uma análise da experiência, por escrito e não compartilhada na discussão, onde pode reunir de maneira mais elaborada uma síntese relacionada à leitura, discussão e reflexão no ciclo. O material encontrado nestes relatórios é muito rico e diversificado em sua forma. Encontramos, por exemplo, sobriedade, compromisso e novos questionamentos:

[...] duas marcas fundamentais dessa jornada: a palavra e a experiência. É o que levo do semestre, mas sem dúvida, o que trago para minha prática. Dois vocábulos que em si, guardam o que me parece haver de mais humanizador, ou melhor - para utilizar uma construção que fiz em um dos encontros do LabHum -, o que há de mais humanizante. Explico: enquanto o primeiro termo remete-me a outro (humanizar o outro); humanizante, por sua vez, remete-me a mim mesma. [...] fato é que a humanização remeteu-me a mim mesma durante o semestre. (2/2011/R 26).

Os encontros do Labhum têm a característica principal de deixar mais perguntas interessantes que respostas concretas. Em definitiva o fato de humanizar não é uma coisa certa, rígida senão o contrário, através do LabHum vamos nos desestabilizando, vamos chegando a refletir e confrontar nossos valores com a nossa cotidianidade. De minha parte deixo a pergunta que tentarei desvelar nos próximos anos... *A literatura é um ponto de partida para ter outra visão da vida?* (2/2011/R 27).

Assim, diante de um cenário onde as discussões e propostas de Humanização na Saúde vêm gerando políticas e práticas, a experiência de formação humanística realizada no Laboratório de Humanidades como objeto de estudo e pesquisa em programas de pós-graduação configurou-se como pertinente. Com uma metodologia clara e amadurecida ao longo de mais de dez anos, o papel fundamental do coordenador e a disponibilidade de seus participantes, o LabHum alia a promoção da subjetividade ao rigor intelectual, a

formação humanística à descontração no encontro entre profissionais e pesquisadores da área da Saúde. (BITTAR, Y.; SOUSA, M.S.A.; GALLIAN, D.M.C., 2013)

Percurso estético literário como Paidéia Crítica no Laboratório de Humanidades

[Marco Polo]: Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza. [Porém] As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo. Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco. (CALVINO, 1990, p. 82)

Esta pesquisa iniciada em 2011 foi ganhando contorno conforme minha aproximação nas atividades de pós-graduação oferecidas pelo CeHFi desde 2008. Primeiramente nas disciplinas de pós ministradas pelos Professores Dante Marcello Claramonte Gallian e Luiz Felipe Pondé, e a partir de 2010 em vários ciclos do Laboratório de Humanidades. Este início no LabHum se deu em razão da obra que seria discutida, *Os Demônios* de Dostoiévski, meu objeto de pesquisa no Mestrado em Ciências da Religião na PUCSP.

Logo de início fui sensibilizada pela dinâmica original realizada a partir de uma obra literária fora dos domínios especializados, tanto da perspectiva que diz respeito a novas possibilidades de trabalho com a literatura, quanto em relação à dinâmica das discussões propriamente dita. Se, por um lado, a obra literária se tornava maior na medida em que comportava nossa “intrusão” aos seus domínios, por outro lado, percebia ali o enfoque dialógico (Bakhtin) transposto da relação entre personagens do romance polifônico para a discussão entre os participantes do Laboratório. Mesmo com todos os confrontos nas discussões, e é claro, os confrontos internos visíveis em cada participante, ninguém abria mão de sua consciência facilmente. Ao contrário, sustentava suas ideias até o limite, por vezes enfrentando e expondo suas próprias contradições, por outras vezes, admitindo a possibilidade de novas posições.

E, como pedagoga, o aspecto formativo da dinâmica se mostrava a cada encontro o que me levou ao desafio de escrever a respeito do que vivenciei como participante do Laboratório. Esta primeira tentativa se deu na escrita de um relatório como participante que intitulei *Luz no Pântano* em reverência a Nelson Rodrigues, pois nesta mesma época me dedicava também à leitura de seu Teatro Completo. E foi justamente de uma de suas peças que identifiquei uma

primeira articulação entre uma atividade criativa de leitura, que não abusasse da integralidade da obra, e que pudesse ainda manter uma possibilidade de trânsito original do leitor com liberdade de expressão. Para melhor explicitar apresento uma parte do relatório abaixo, tal qual foi escrito na época. O trecho é longo, mas diz respeito ao ponto inicial de reflexão deste trabalho:

No prefácio de Aderbal Freire-Filho para as Peças Míticas de Néelson Rodrigues (2004) encontramos a posição de um diretor de teatro, um encenador, que ao trazer sua experiência na montagem de *Senhora dos Afogados* escolheu dois aspectos da peça, com a intenção de ajudar o leitor a *montar sua própria* encenação. Um deles constitui para esta reflexão uma frase que compromete até o infinito: Em cena, também, os vizinhos. São figuras espectrais.

Pensando no auxílio ao encenador/ leitor Aderbal Freire-Filho nos indica que o texto secundário da peça (escrito pelo autor) nos leva a pensarmos neles como um conjunto (vizinhos), porém, *diferenciados*, cada um vem de sua própria casa, tem personalidades e vidas distintas, porém: “[...] eles tornam sua presença permanente na casa dos Drummond muito mais invasiva e expressiva e dão à irreabilidade dessa presença uma dose de realismo que determina uma tensão: e a poética cênica vive de tensões.” (RODRIGUES, 2004, p. 21) Assim como a leitura de textos literários. Na continuidade, cada vizinho diferenciado entra em cena com sua própria *casa* e juntos criam o mundo que é inseparável da condição de vizinho, vila, rua, vizinhança. Porém, entram em cena com aquilo que lhes é próprio e peculiar, sem confusão nem mistura. E assim constituem no drama uma dinâmica própria entrando e saindo de cena. “Quando os dez vizinhos sentavam nas dez cadeiras em torno da grande mesa dos Drummond, o palco ganhava nova dimensão [...]”. (RODRIGUES, 2004, p. 21) De certa maneira aqui a casa dos Drummond se torna maior que o todo, contém nela a casa, a rua, a vizinhança. Mas, apesar da presença invasiva e constante dos vizinhos o drama central da peça segue em sua integralidade, contém o todo, suporta a invasão, e permanece em sua trama original.

Neste ponto será que poderíamos suportar o peso, no tudo ou nada, de nos considerarmos *vizinhos* em relação a leitura da obra de arte? Vejamos.

Como *vizinhos/leitores* passamos a frequentar a *casa dos Drummond/ obra literária*, uma presença invasiva e constante, porém, uma vez nela a *casa/ obra* se torna maior que o todo, comporta nossa presença que não prescinde do barulho de fundo de nossa realidade imediata, permanecendo integral em sua trama. Na indicação da época em que se passa a peça encontramos “Quando quiser”. Característica marcante das obras clássicas, ou peças trágicas, onde o tempo é integral, “Não existe morte, existe imortalidade. O tempo é uno e indiviso, [...] A uma mesa sentam-se avós e netos...”. (TARKOVSKI, 1998, p.9) E no espaço, cada um dos *vizinhos/leitores* é *diferenciado*,

entra e sai da obra carregando, ou voltando, para sua própria casa, não são personagens propriamente ditas, mas *figuras espectrais*, que estão em todo lugar ao mesmo tempo. Nem podem ser considerados como uma plateia, eles presenciam cenas que a plateia não vê: sobem em cadeiras e espiam por cima do biombo uma cena conjugal.

Se acrescentarmos ainda uma experiência musical, proposta por Huxley (2006), onde os afetos humanos oscilam, e seus personagens majestosos e medíocres se tornam instrumentos ou melodias que se alternam numa sinfonia executada do mais profundo vazio, a impunidade é impossível. O vizinho/ leitor realiza seu *Contraponto*, pessoal ou em coro, avançando em cena corajosamente ou acuado num canto, são solícitos ou deslumbrados, insultam e prevêm a morte, tem gestos de ira e de maldição, mas não determinam o desfecho da obra – os personagens nada vêem, nada sentem. Arriscamos no máximo um *cochicho*:

Vizinho – Mas foi suicídio ou não foi?

Vizinho – Foi, sim.

Vizinho – Não foi.

Vizinho – A menina se matou.

Vizinho – Que o quê!

Vizinho – Dou-lhe a minha palavra!

(RODRIGUES, 2004, P. 212)

Este coro de figuras espectrais poderia passar despercebido, com pouco valor na trama como um todo, porém ganhou corpo na intenção do diretor em nos ajudar a montar nossa própria encenação. E no início desta pesquisa encontro com grata surpresa um relato de uma participante do LabHum em forma de carta endereçada a Tolstói que ajudará a também dar corpo ao que constitui um transito original decorrente da força provocadora de uma obra literária. Com liberdade de expressão, de certa maneira corrobora com o trecho que apresentei acima.

Carta a Leon Tolstói:

Estimado Sr. Tolstói, venho através desta lhe informar que sua Ana Karenina foi analisada em laboratório. E mais ainda: não foi só sua Ana, também o foram Levine, Katy, Vronsky e cada habitante desse buraco negro aonde o espaço tempo se deteve na Rússia da aristocracia moscovita. Foi até ali que os organizadores do laboratório nos levaram: fizemos uma viagem no tempo até que ele se desfez e Ana estava ali, tão exposta, tão fácil, que não tivemos outra opção a não ser dissecá-la. O procedimento foi lento, mas não com a intenção de tortura, senão porque foi um processo demorado em si mesmo. Devo confessar que houve crueldade em alguns instantes, e cuidado,

e até empatia em outros. O mais interessante é que eu mesma me desdobrava entre a compaixão e o aniquilamento:

- "Ana estúpida, egoísta, imatura, instável..."

- "Mas pobre Ana, ela não percebe que acelera e desacelera um trem cujo único fim é o abismo?..."

Sr Tolstoi, após a dissecação, não só da Ana como dos outros, os tecidos se misturaram e eu não poderia afirmar qual pedaço era de quem, até porque os próprios participantes do laboratório sofreram cortes e tudo ficou muito confuso: - Esse coração é da Ana? Não, esse ali é o meu. E esse olhar...? Cadê o olho desse olhar? É do Vronsky! Não, parece que não é.... (2/2012/R 93).

Nada mais invasivo e expressivo do que informar ao autor o tratamento dado a "sua" *Anna Karenina*. E nada mais ilustrativo que este relato para demonstrar a tensão real da irrealidade da presença dos participantes do Laboratório no romance. Nele cada participante é único e diferenciado mas juntos formaram um mundo de vizinhos que são inseparáveis de sua condição de vizinho/ médico, vizinho/ advogado, vizinho/ enfermeiro ... A cena de *Anna Kariênina* ganha com eles nova dimensão, contém todos os participantes, mas segue em sua integralidade, suporta a invasão permanecendo sempre em sua trama original. Com a presença frequente dos participantes a obra tornou-se maior que o todo. E o tempo do romance permanece integral, um "buraco negro", onde para além da aristocracia russa moscovita, Ana estava ali, disponível ao contraponto pessoal ou em coro que avançou corajosamente – ou desesperadamente? – rumo a uma inevitável(?) dissecação. Destino reservado também a todos os personagens. Sem intenção de tortura, mas demorado. Crueldade às vezes, mas também empatia. Compaixão e aniquilamento.

Ana suportou julgamentos destes participantes/ vizinhos, afinal eles estão em todos os lugares ao mesmo tempo e presenciaram cenas que não seriam vistas por uma plateia. E com todo o pesar dos participantes não "percebeu" que seguia para o abismo. Porque "O personagem vive a vida que deveria ser nossa, a vida que recusamos". (RODRIGUES, 2004, p. 297) Neste sentido a obra clássica tem o poder de criar a vida e não de falseá-la. E será por este choque de expectativas e frustrações que:

Os vizinhos resolvem tirar o rosto e colocar a máscara.
(RODRIGUES, 2004, p. 234)

O título *Luz no Pântano* fez referência direta a uma frase do próprio Nelson Rodrigues (2004, p. 277): “Meus dramas são como a luz cruel do sol caindo sobre um pântano”. Dramas que para além de existências estéreis e cinzentas nos revelam realidades abissais. Esta é a fecundidade das obras clássicas, antigas e modernas, porque diante de seus personagens nos sentimos próximos e estranhos. *Ana Kariênina* permaneceu inacessível à invasão dos vizinhos/participantes, que ao final, foram todos devolvidos a si mesmos. E neste retorno a Beleza da obra irradia na medida em que os leitores se perceberam sem forma e sem rosto: “os tecidos se misturaram e eu não poderia afirmar qual pedaço era de quem, até porque os próprios participantes do laboratório sofreram cortes e tudo ficou muito confuso”. Este instante, ainda que fugaz, traz um sopro de humildade, só assim a majestade de uma *Ana Karênina* não nos massacra, ao contrário, suspende as ilusões de vida:

O vizinho põe uma máscara hedionda que, na verdade, é a sua face autêntica.
(RODRIGUES, 2004, p. 217)

Este jogo de rosto e máscara se mostra humanizador. Porque apreende o humano como ele é, contraditório, ambíguo, cruel, mas também capaz - e ao mesmo tempo - de compaixão e empatia. Saber-se sem forma diante de um personagem que vive a vida que recusamos tem um caráter formativo – *Paidéia* – porque somente partindo do desnudamento de nossas máscaras é que a ancoragem na realidade se torna uma possibilidade. Ancoragem que por sua vez não só comporta como não prescinde de movimento, e foi aqui que o enfoque dialógico (BAKHTIN) ganhou destaque na composição: onde começa a consciência começa o diálogo, vida em movimento compreendida como contraposição dialógica que compreende coexistência e interação, simultaneidade e confrontação. Tal qual encontramos na dinâmica entre o leitor e a obra literária, e também na discussão entre os participantes na metodologia do LabHum.

Ouvir o outro de forma flexível não se parece, para mim, como a necessidade de concordar, ou nem mesmo considerar aceitar o que se diz, mas pensar, em primeiro lugar, que o pensamento do outro, da mesma forma que o meu, é humano. E

considerando desta maneira, consigo, assim, considerar o outro, ser transformado pelo outro, por me perceber igual, com os mesmos equívocos, medos, dúvidas, vontades, paixões, enfim, tudo que nos toma humanos. (2/2011/R 41).

“Ser transformado pelo outro”, no sentido de ser percebido como alguém que comporta “equívocos” sem a necessidade de “concordar” com ele. A consciência não prescinde do diálogo, e pressupõe uma antropologia do inacabamento, uma ampliação da consciência entre seres que se sabem inacabados, e que nunca se convertem em objeto de outra consciência:

O homem nunca coincide consigo mesmo. [...] a autêntica vida do indivíduo se realiza como que na confluência dessa divergência do homem consigo mesmo, no ponto em que ele ultrapassa os limites de tudo o que ele é como ser material que pode ser espiado, definido e previsto “à revelia”, a despeito de sua vontade. A vida autêntica do indivíduo só é acessível a um enfoque *dialógico*, diante do qual ele responde *por si mesmo* e se revela livremente. [...] uma verdade *à revelia*, transforma-se em mentira que o humilha e mortifica caso esta lhe afete o “santuário”, isto é, o “homem no homem”.(BAKHTIN, 1997, P. 59)

Responder por si mesmo, sem alibis, e considerando a precariedade dos arranjos (tal qual na cidade de Otávia) que sustentam a consciência e a realidade.

Assim nasceu o projeto de pesquisa desta tese: *Laboratório de Humanidades como Paidéia crítica*: percurso estético em confronto à noção de perfectibilidade como dinâmica humanizadora na Saúde (FAPESP 2012/ 10176-6)⁹, que integra o Projeto Patologias da Modernidade e trabalha na sua vertente experimental. Com o objetivo de investigar o papel das humanidades como caminho de humanização no âmbito da Saúde, partiu de uma experiência educacional concreta: o Laboratório de Humanidades, em especial, seu percurso estético literário aliado ao referencial teórico de Mikhail Bakhtin. Importante salientar que não faz parte do escopo deste trabalho teorizar a dinâmica, o que

⁹ Cf. publicação do projeto como resultado parcial de pesquisa: SAKAMOTO, J. I. *Laboratório de Humanidades com Paidéia Crítica*: Percurso Estético em Confronto a noção de perfectibilidade como dinâmica humanizadora em Saúde. *Revista Internacional de Humanidades Médicas*, Madrid, 2013, pp. 49-57.

acabaria por congelar a experiência, mas antes buscar correspondência entre os relatos apresentados e o enfoque dialógico estabelecido por Bakhtin. Buscamos demarcar uma paisagem intelectual diferenciada na área da Saúde, ou seja, humanização como *Paidéia* na medida em que busca também uma unificação das experiências da vida (profissional e pessoal) e da cultura. (BAKHTIN, 2006, 2010; RIBEIRO, 2001)

A escolha pelo trabalho com os relatórios se deu na consideração de que cada participante foi implicado responsabilmente na emergência dos sentidos em relação ao Laboratório. E foram tratados como textos, autorais e geradores, que demonstraram em ato a força criadora e responsável do percurso estético, sem álibis, não indiferente, portanto, humanizadora: “Arte e vida não são a mesma coisa mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade de minha responsabilidade”. (BAKHTIN, 2006, p. xxxiv)

[Kublai Khan]: Às vezes, parece-me que a sua voz chega de longe até mim, enquanto sou prisioneiro de um presente vistoso e invisível, no qual todas as formas de convivência humana atingiram o ponto extremo de seu ciclo e é impossível imaginar quais as novas formas que assumirão. E escuto, por intermédio de sua voz, as razões invisíveis pelas quais existiram as cidades e talvez pelas quais, após a morte, voltarão a existir. (CALVINO, 1990, p. 124)

II. DESUMANIZAÇÃO COMO SINTOMA PATOLÓGICO DA MODERNIDADE

Cena 5: No front hospitalar

Encontrar sentido onde não há sentido, em meio às tragédias, no centro da dor, onde todos os limites já foram ultrapassados e mesmo assim ter contentamento, compaixão, solidariedade, humanidade, esperança, generosidade, sentindo a carne doer pelo cansaço, pelo estresse mental, dia após dia, ano após ano...

Encontro uma porta automática, onde só entram pessoas cadastradas munidas com o seu crachá. A porta se abre e me dirijo por um longo corredor onde escuto sons de várias intensidades, vejo pessoas aglomeradas, usando roupas semelhantes a pijamas, mas ninguém está dormindo. Todos em pé, com pranchetas e papéis nas mãos, falando sobre dezenas de valores numéricos, dosagens, procedimentos, equipamentos, contando histórias de doenças incontroláveis, cirurgias mal sucedidas, procedimentos bem realizados, insuficiência de múltiplos órgãos.

Um verdadeiro exército prepara-se para um novo ataque ao inimigo: entre os soldados, alguns estão agitados, outros sonolentos, alguns com o semblante vitorioso, outros exauridos pelas horas e horas de combate que está se encerrando. Todos ansiosos por ver o dia chegar.

A tropa que sai agora do combate dá lugar a outro exército que está chegando. Os soldados estão concentrados em ouvir todas as estratégias usadas para tentar vencer o inimigo invisível, todos os sucessos e insucessos são contados rapidamente sobre cada órgão e sistema. Em minutos, todos assumem seus postos, iniciam o preparo de todos os procedimentos que serão realizados, conferem exaustivamente formulários e planilhas e checam resultados e mais resultados de exames.

Finalmente dirigem-se ao leito onde se encontra a razão da existência daquele campo de guerra: o paciente. Examinam minuciosamente o corpo, os equipamentos, desligam a sedação, tentam acordá-los do coma induzido e fazem centenas de perguntas. Perguntam sobre a dor, sobre a comida, sobre a falta de ar, o desconforto, o sono, as medicações, a ferida operatória, avaliam o *delirium*...

Retornam às bancadas para fazer dezenas de solicitações, todas minuciosamente categorizadas por sistemas: respiratório, digestório, metabólico, renal, hepático, nervoso, cardiovascular, músculo-esquelético, pele e imunológico. Iniciam-se pequenos ajuntamentos em todos os cantos deste local: à beira do leito, em pequenas saletas, na copa, no banheiro, na fila da farmácia, no expurgo, nas bancadas, na sala de repouso. Todos discutem amplamente os casos clínicos e traçam diretrizes para os próximos minutos, e quem sabe, os próximos dias. A seguir, executam o que foi decidido e observam os resultados. Cada

profissional cuida de uma parte do corpo e todos tentam ao final compor este quebra-cabeça chamado paciente.

Ao final daquele turno exaustivo de trabalho, ainda é necessário deixar tudo organizado e limpo para o próximo exército que já vai chegar. Então o ciclo se repete novamente, milimetricamente calculado e controlado.

Tal como visto na obra de Huxley (2009), "Admirável Mundo Novo", também temos nosso mundo artificialmente controlado. Talvez um pouco menos estereotipado ou menos exagerado, mas temos sim um ambiente fabricado. Neste lugar, o ser humano deixou de ser gente, vestiu luvas e aventais, paramentou-se para tentar re-inventar a vida e controlar a morte, como se pudéssemos domar estas duas grandes feras.

O cuidar, o toque, o olhar, o ouvir, todos os sentidos acabam se rendendo aos monitores, aos equipamentos, ao tempo, às bactérias multirresistentes, aos desmames ventilatórios difíceis, à falência de múltiplos órgãos, a valores numéricos de milhares de exames laboratoriais. Não é possível questionar, é preciso fazer o que tem que ser feito para tentar salvar vidas, pois o tempo é escasso e as horas, valem ouro.

É possível voltar a ser "humano" neste ambiente? É possível ensinar alguém a ser "gente"? Dois conceitos podem ser destacados nesta discussão: a felicidade e a liberdade. Como conviver com estas duas forças sem instabilizar um sistema tão controlado? (2/2011/R 36).

Nada provoca mais a vaidade humana do que a percepção que podemos menos do que gostaríamos. E talvez esta percepção abra uma fresta no cenário trágico e asfixiante que encontramos na cena relatada acima, na medida em que enfrenta o imprevisível e inevitável: morrer é possível. O fato ou acontecimento do adoecimento do corpo é objeto da medicina com seu aparato técnico e teórico. E a passagem do acontecimento no corpo para a experiência pessoal e intransferível do adoecimento, seja como paciente ou como profissional, guardadas as suas distinções, encontra-se frequentemente associada a um sentimento de perda de uma condição idealizada, um fracasso no campo do possível: a ilusão de imortalidade. Num front hospitalar a dimensão da contingência própria da condição humana não pode ser negada. Ainda que concorra com a pretensão (onipotente, então patética) de que somos capazes de segurar o mundo com as próprias mãos ao "tentar re-inventar a vida e controlar a morte, como se pudéssemos domar estas duas grandes feras".

As tentativas de "encontrar sentido onde não há sentido" podem ser consideradas expressões agônicas daquele que se vê esvaziado de saber diante do sofrimento. Tentativas de encontrar sentido levam aos questionamentos ("É

possível voltar a ser "humano" neste ambiente? É possível ensinar alguém a ser "gente"?) que apesar de se mostrarem importantes não receberão respostas imediatas. Ao contrário, convocam cada pessoa a uma escolha que a ciência não poderá necessariamente fazer por nós, porque quando o faz:

Pedro pergunta aos médicos sobre a condição de sua esposa. Os médicos informam que o estado da paciente é grave, mas os homens não demonstram nenhum abalo emocional e afirmam que Alaíde não sentiu nada. (Cf. RODRIGUES, 2004, V.1) Isso fica como um deboche da crença cega na ciência, visto que ali tudo se trata da angústia e do sofrimento que Alaíde está passando. (1/2012/R 76).

No front hospitalar o sofrimento é inevitável e ganha contornos de proximidade e distanciamento na cena apresentada. “Encontro uma porta automática, onde só entram pessoas cadastradas munidas com o seu crachá”. Porta adentro “me dirijo” e “vejo” em primeira pessoa. A partir daí o relato ganha uma distância segura onde a metáfora do exército protege e denuncia uma “tropa” unida na batalha contra o “inimigo invisível”. O recurso textual de distanciamento garante ao texto uma dramática peculiar (excelente!) evidenciando funções e não pessoas. Porém, importante ressaltar que por mais que denuncie um problema o profissional da saúde faz parte ele mesmo da situação, é um elemento que compõe o conjunto. O mesmo vale para todas as instâncias que compõem o cenário da Saúde: ensino, pesquisa e clínica.

Nesta cena o profissional dilacerado, um soldado entre tantos outros com função específica no exército encontra a “razão de existência daquele campo de guerra” num paciente igualmente dilacerado. Este, por sua vez, identificado com os objetos dos cuidados médicos categorizados por sistemas “respiratório, digestório, metabólico, renal, hepático, nervoso, cardiovascular, músculo-esquelético, pele e imunológico”, como partes que irão compor um quebra-cabeça e que falam por ele. Aqui profissional e paciente parecem padecer do mesmo problema onde se veem como espectadores, ou no máximo coadjuvantes, de uma peça que não produziram:

Além de nos acostumarmos com nosso nome os outros também se acostumam e nos identificam pelo nome. As “patologias do mundo moderno” mundo do tabuleiro de xadrez (Cf. CARROLL, 2012) desenvolvido por corridas desenfreadas, nos faz não só

perdermos o próprio nome como também os nomes de entes querido, nomes das coisas que mais apreciamos, perdemos nossa identidade no mundo e passamos a ser chamados "paciente com Doença de Alzheimer", "pacientes com Depressão" e assim sucessivamente... (1/2011/R 05).

Porque onde o paciente perde o nome o profissional se apaga como sujeito quando se rende “aos monitores, aos equipamentos, ao tempo, às bactérias multirresistentes, aos desmames ventilatórios difíceis, à falência de múltiplos órgãos, a valores numéricos de milhares de exames laboratoriais”. Se a prática médica convoca o profissional ao cuidar a realidade institucional, por sua vez, confronta este profissional quando abrange uma enormidade de obrigações para além dos pacientes (exames, documentações, mandados administrativos, custos, aproveitamento do tempo ...) e dele espera assertividade e eficiência. Sem hesitações, mas também sem questionamentos “é preciso fazer o que tem que ser feito para tentar salvar vidas, pois o tempo é escasso e as horas, valem ouro”. Se considerarmos que “grande parte da medicina é uma tirania da perfeição” (OFRI, 2014, p. 98) que submete profissionais a objetivos inalcançáveis e os leva a uma sensação permanente de fracasso, fica difícil sair imune. Isto acaba por destruir o espírito mais dedicado que paga o preço comprometendo sua vida pessoal e profissional. E nos leva a considerar uma realidade inegável: um sistema que visa idealmente eficácia (ainda que numa perspectiva de humanização!) não o torna necessariamente eficaz.

Volto na minha trajetória de vida a semelhança desta peça teatral escrita por Nelson. (Cf. RODRIGUES, 2004, V.1) Vivo a memória de meu trabalho que venho construindo em uma perspectiva de humanização Porque não? Adoecei, sim, pois os sentimentos podem ser expressos pelo corpo como uma expressão da alma, do afeto. A linguagem dos sentimentos. Estou alucinando? Não, pois vivo a realidade de maneira cruel, perversa e ouço: “Gestor não adoce”, Respiro profundamente! (1/2012/R 67).

Uma “expressão da alma” no corpo chega a soar incompreensível aos ouvidos mais afeitos à objetividade. Instituições e sistemas são organizados de maneira a não comportarem nada que afete sua estabilidade e unidade. Alegando desinteresse na realidade são indiferentes aos seres humanos como tais. Estes são mais identificados aos índices estatísticos, como parte de um

grande experimento ou como portadores de funções inseridos num plano total. Indiferença perversa expressa no comentário “gestor não adocece” por ser aquele que idealmente sustenta ou faz funcionar um determinado programa (novamente, ainda que numa perspectiva de humanização!) e não pode ser dado a caprichos incompatíveis com uma boa ordem funcional.

Acredito que a "humanização em saúde" passou a ser uma preocupação dos órgãos públicos de saúde e educação, durante o caminhar do processo de 'desumanização das relações' entre as pessoas em geral, presentes na modernidade.

Penso que o avanço das tecnociências e seu legado positivista vêm acentuando o processo de desumanização, e encontra na área da saúde um campo fértil na medida em que a formação profissional das áreas biológicas está pautada no mesmo paradigma: flexeniano e mecanicista. (1/2011/R 18).

Um dos aspectos mais sombrios da “desumanização das relações” que “encontra na área da saúde um campo fértil” pode ser percebido exatamente na indiferença estabilizada como normalidade compulsória. A identificação de pessoas às suas funções leva ao sentimento de perda da autenticidade ou impostura na medida em que encontram dificuldade para reconhecer o que há de próprio na dramatização de suas funções. Na formação isto pode ser percebido na expectativa de absorção de um imenso acervo de conhecimento, na iminência de se tornar obsoleto na medida em que é baseado nos avanços técnicos, como se tal perfeição do conhecimento pudesse ser real. (OFRI, 2014) Tal exigência impossível, idealizada, é indiferente à possibilidade real dos estudantes convocados a um tipo de heroísmo sem posses, e que repercutirá na vida profissional propriamente dita como um fazer onde “o ser humano deixou de ser gente, vestiu luvas e aventais, paramentou-se” compondo uma imagem para ser reconhecido. Imagem nem sempre feliz, “gestor não adocece”, nem sempre dramática, mas antes, corriqueira:

Tentei entender o motivo da primeira leitura do livro não fazer sentido para mim. Surpreendentemente me percebi como no Admirável Mundo Novo. (HUXLEY, 2009) Estava lendo o livro de uma maneira "mecânica" e condicionada, parece que ele entrou no "pacote de coisas" que eu tinha para fazer no momento e não pude senti-lo de verdade. Na realidade me comportava como os personagens do livro, condicionada a realizar tarefas, deixando de lado meus sentimentos e emoções, ficando apenas na leitura

do livro. Da mesma maneira que me percebo às vezes na vida, preocupada em realizar coisas, deixando de lado meus sentimentos.

Isso me fez pensar que a realidade do Admirável Mundo Novo é atual, podemos vivê-la dentro da gente sem ao menos perceber. Quando nos questionamos se é possível um Admirável Mundo Novo, diria que sim, basta procurá-lo em nós mesmos, principalmente quando nos condicionamos a realizar "coisas" e deixamos de pensar, sentir, nos observar e perceber o outro. As ideias do autor do livro que a priori pareciam um absurdo, na realidade parece que está mais próxima do que imaginamos. (2/2011/R 38).

O habitual modo de lidar com um “pacote de coisas” de uma “maneira mecânica e condicionada” pode indicar muito mais que uma mera rotina de trabalho ou estudo. A rotina quando vinculada à disciplina que demanda esforço e superação diz respeito a uma vontade própria e diferenciada de realização. Ou quando estabelece de modo frequente contatos pessoais e demonstra (rara) capacidade de manter vínculos afetivos, o que é muito louvável hoje em dia. Porém, o habitual pode esconder contornos de uma indiferença perigosa, nem sempre fáceis de serem observados, quando “nos condicionamos a realizar "coisas" e deixamos de pensar, sentir, nos observar e perceber o outro”. Perigosa porque violenta e nem sempre percebida como tal: experiência simples de admitir ou negar a existência de outros e até de si mesmo.

Condicionamento nos leva a pensar numa forma de liberdade behaviorista que “está mais próxima do que imaginamos” basta “procurá-lo em nós mesmos”. E como todo condicionamento a liberdade behaviorista tem como objetivo levar as pessoas a gostarem daquilo que *devem* fazer como parte de um todo organizado. Admirável mundo onde cada pessoa é livre para dizer o que quer porque ninguém gosta de dizer nada que colida com os padrões do grupo. O segredo da felicidade e da virtude está nesta dependência do reconhecimento do grupo para existirmos com mais segurança. Felicidade porque desejamos um todo que nos contenha e abrigue. E a virtude da docilidade que submete a própria vontade a este todo, ainda que ao custo de muita resignação, ressentimento e conformidade.

Tendemos a desejar um mundo perfeito, mas não costumamos assumir como esse mundo seria. E em "Admirável Mundo Novo" (HUXLEY, 2009) temos uma visão, talvez para o passado imaginário demais, mas que para nós hoje, bastante real. A

sociedade que extinguiu os conflitos da humanidade, a infelicidade, a morte, a dor do nascimento, a dor do sofrimento, a traição, os conflitos, a insegurança, a violência, e tudo que pode ser considerado ruim no ser humano, e por sua vez, motivo de tudo que temos de ruim no mundo. Huxley nos mostra de forma maravilhosa o resultado dessa busca, a mais importante busca humana, ou assim considerada, a felicidade. Um mundo feliz, nossos problemas resolvidos, ou não ter problemas para resolver. Pode ser um sonho, mas a leitura desse romance me sugeriu que talvez não seja assim. (2/2011/R 41).

A tirania imposta e aceita sem reservas, com exceção de algumas vítimas, no Admirável Mundo Novo de Huxley (2009) nos mostra uma sociedade de pesadelos e parece ser a tendência em curso do mundo atual. Na medida em que extingue os conflitos, o sofrimento e as inseguranças, extingue também tudo que implica em ser humano. E como resultado decorrente: “Um mundo feliz, nossos problemas resolvidos, ou não ter problemas para resolver”. Um mundo feliz que lamentavelmente não está ao nosso alcance, mas que gostaríamos ardentemente possuir. Um mundo no futuro, um paraíso perdido ou esperado, que produz uma sensação de aconchego vivamente possível em nossa imaginação. Porém, mesmo considerando que a imaginação seja produzida pela liberdade humana, tal mundo jamais resistiria a um teste de realidade. Uma felicidade despreocupada, sem problemas para resolver, só seria possível se permanecêssemos num estado de inocência ignorando o real estado das coisas. “A perda da inocência é um ponto sem volta. Só se pode ser verdadeiramente feliz enquanto não se sabe quão feliz se é.” (BAUMAN, 2003, p. 15)

Foi pensando nisso que deixei de acreditar que a ignorância é o caminho para a felicidade. O fato de desconhecermos a realidade não significa que ela vá deixar de existir, pelo contrário, continuará ali, do mesmo jeito que é. (2/2011/R 53).

Este desejável “mundo perfeito” só pode ser realizado subordinando a liberdade a um ideal de perfeição. Este é o grande tema da literatura distópica: liberdade e perfeição são antagônicos. (PASSMORE, 2004) As críticas dirigidas ao ideal de perfeição consistem na rejeição do ideal da perfeição técnica vinculado ao ideal de perfeição “estética” compreendida como ordenação total, estável, permanente e harmônica da sociedade. E considerada desumanizante porque as condições de trabalho, das relações humanas, e das realizações

artísticas e literárias são completamente predeterminadas para a realização do ideal de perfeição, organizadas com a eficiência técnica de uma máquina. Sempre subordinadas a um ideal alheio que impede os homens a seguirem por outra atividade ou a sustentarem qualquer outro argumento que desestabilize a totalidade. Não é a especialização numa atividade como tal que é criticada, mas a especialização que tem como finalidade um esquema total baseado num ideal de ordem perfeito. E que acaba por governar a vida por inteiro. (PASSMORE, 2004)

O mundo idealmente perfeito deve ser prontamente racional, sustentado por operações matemáticas e por uma língua idealmente perfeita – que não comporta equivocidades e imperfeições, afinal, estas são precisamente as características que permitem que ela seja um instrumento de liberdade capaz de introduzir novas ideias e atitudes. E nada menos surpreendente que o ideal de felicidade possa ser também racionalmente ordenado: diminuindo o intervalo entre o desejo e sua satisfação gratificando os impulsos, abolindo escolhas porquanto todos obtêm o que querem e só querem o que podem obter, inviabilizando a consolidação de vínculos que possam ser fontes de ansiedades; enfim, uma correção da Queda. Ou uma correção de percurso na escolha pela felicidade (inocente) e não pela liberdade (onerosa). (PASSMORE, 2004)

Uma das coisas que me chamou atenção é a infantilização e a falta de passado. (Cf. HUXLEY, 2009) Hoje presenciamos um mundo onde as pessoas pensam que tudo está sendo inventado agora. (2/2011/R 30).

Na introdução de Arquipélago Gulag de Soljenítsin encontra-se o provérbio: “Aquele que recorda o passado perde um olho! e no entanto: aquele que o esquece perde os dois!”. Máxima que captura o espírito de ingratidão de nossa época infantilizada “onde as pessoas pensam que tudo está sendo inventado agora”.

O erro do humano é achar que tudo vê e tudo pode alcançar nada lhe escapa a razão. Quando percebe que levou uma vida inteira sem nada ter visto e alcançado a não ser sua própria ilusão, este desaba. (1/2011/R 05).

O “erro do humano” não é ser racional, afinal pensar é constitutivo de nossa humanidade. Mas acreditar que “tudo vê e tudo pode alcançar” projetando um homem e um mundo perfectíveis que não existem é uma forma de pensamento mágico. Ao rejeitarmos o passado como referência de experiências acabamos por nos colocar como fundadores de uma vida não mais hesitante e incerta. No lugar das nuances e sutilezas, do mal-estar e desorientação da vida comum, o racionalismo moderno busca equações formais para enfrentar e justificar a administração das formas de vida. Assim, o “erro do humano” estaria em acreditar que a própria razão é perfectível e capaz de orientar a vontade igualmente perfectível, redefinindo nossos próprios limites e criando uma forma do Bem. (PONDÉ, 2008) O inferno dos vivos se funda nesta ilusão. E quando “este desaba” abre-se uma fresta, uma possibilidade num todo asfixiante e estável.

Em princípio o "Admirável Mundo Novo" (HUXLEY, 2009) gerava no Labhum repugnância e admiração, tendo em conta "vantagens" de uma vida sem problemas ao mesmo tempo em que as "desvantagens" de um mundo baseado na mentira e o controle. Ai me veio a seguinte reflexão: *por que nos gera repugnância sendo que estamos tão perto disso? Porque nos gera admiração? Será que o mundo tecnológico sem problemas é nosso ideal? [...] Esses humanos do "Admirável Mundo Novo" são mais evoluídos que nós? Ou seja, representariam uma evolução da espécie ou não? (2/2011/R 27).*

A admiração diante do mundo novo não é assim tão difícil de encontrar. Afinal, o que se pode objetar em relação às expectativas por uma vida de paz e estabilidade, sensualidade fácil e entretenimentos prescritos? E o que dizer da possibilidade de abolir todos os traços de tristezas e ansiedades, ainda que sob efeito de entorpecentes, mas que nos mantenham alegres e produtivos? Será que tal cenário não encarnaria nossos sonhos mais secretos? Vejamos, ao considerarmos que a força da obra de Huxley está em realizar uma extraordinária inversão - o que nos parece avançado e evoluído na verdade nada mais é do que o regresso a um primitivo - o admirável cede lugar ao horror. A reconstituição do Paraíso perdido se dá por um retorno a um mundo caracterizado pela união entre membros que compartilham os mesmos sentimentos, tal qual ao clã primevo, onde todos pensavam, agiam e sentiam como se fossem parte de um só todo.

Este mundo perfeito dos sonhos pressupõe que todos os seus membros sejam infinitamente maleáveis e plásticos a ponto de suportarem as correções necessárias para a constituição de um todo ideal. E este ideal aconchegante suportará o ônus da resolução de todos os problemas humanos. Aqui também a vantagem da desoneração comporta nela mesma as desvantagens: será necessário submeter vontades, decisões e realizações sempre em conformidade a ... um “bem maior”. E o caminho para tanto se encontra nas mãos dos agentes da perfectibilidade rumo a um “mundo tecnológico sem problemas” como ideal.

O que me levou a refletir sobre os perigos da imposição da vontade de uns sobre a dos outros a favor de "um bem maior", sobre o que é a verdadeira felicidade, e sobre a profundidade das relações afetivas, tanto horizontais quanto verticais. (Cf. HUXLEY, 2009) E essas questões levaram a abertura de outras, me fizeram questionar um pouco sobre a importância que a dor, o sofrimento, as relações afetivas e a busca pela ciência tem no mundo atual. (2/2011/R 48).

Dito de outro modo, um ideal de perfectibilidade demanda a subordinação da liberdade à perfeição, sendo a obediência gratificada com a felicidade de “uma vida sem problemas”, porém, desqualificando o questionamento sobre a “importância que a dor, o sofrimento, as relações afetivas e a busca pela ciência têm no mundo atual”. E neste sentido, *O Sonho do Homem Ridículo* de Dostoiévski nunca foi tão atual:

[*Homem Ridículo*]: Mas temos a ciência, e por meio dela encontraremos de novo a verdade, mas dessa vez a usaremos conscientemente, o entendimento é superior ao sentimento, a consciência da vida – é superior à vida. A ciência nos dará sabedoria, a sabedoria revelará as leis, e o conhecimento das leis da felicidade é superior à felicidade. [...] e depois de tais palavras cada um passava a amar a si mesmo mais que aos outros, e nem podiam fazer diferente. (DOSTOIÉVSKI, 2003, p. 119)

A busca por um ideal de perfeição não pressupõe em si mesma má-fé, historicamente ganhou variadas formas como uma busca humana. Mas é em sua versão moderna onde o conhecimento de uma vida ideal e racionalizada se torna superior à vida real que esta busca ganha contornos sombrios. Principalmente quando tem como finalidade um “bem maior” (determinado por

quem?), sustentada por uma forma de amor: o amor pela humanidade como um todo ideal. Este ideal de amor humanitário é que sustenta na figura majestosa do Grande Inquisidor de Dostoiévski (2008) o mérito de ter finalmente vencido a liberdade a fim de tornar as pessoas felizes. Ele sabe que nada é mais sedutor para o homem que sua liberdade de consciência, mas ao mesmo tempo, nada traz mais tormentos e angústia. E que será em troca dos pães na terra que o homem entregará aliviado a sua liberdade desde que saiba a quem se sujeitar. E mais,

[*O Grande Inquisidor*]: Porque a preocupação dessas criaturas deploráveis não consiste apenas em encontrar aquilo a que eu ou outra pessoa deva sujeitar-se, mas em encontrar algo em que todos acreditem e a que se sujeitem, e que seja forçosamente *todos juntos*. Pois essa necessidade da *convergência* na sujeição é que constitui o tormento principal de cada homem individualmente e de toda humanidade desde o início dos tempos. (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 352)

Necessidade de convergência a uma união universal, a um todo confortável, a um formigueiro comum e solidário, por que não? Desde que torne livres os homens dos angustiantes mistérios de sua consciência, dos terríveis tormentos de uma decisão livre e pessoal. O Grande Inquisidor guarda a chave do mistério e por amor à humanidade toma para si a infelicidade da liberdade sabendo que ao oferecer uma felicidade serena o homem entregará sua liberdade, “[...] a um sinal nosso, passarão com a mesma facilidade à distração e ao sorriso, a uma alegria radiosa e ao cantar feliz da infância.” (DOSTOIÉVSKI, 2008, P. 358) A realização de seu plano conta com a obediência e seu método consiste em:

[*Ivan Karamázov sobre o Grande Inquisidor*]: [...] adotar a mentira e o embuste e conduzir os homens já conscientemente para a morte e a destruição, e ademais enganá-los durante toda a caminhada, dando um jeito de que não percebam aonde estão sendo conduzidos e ao menos nesse caminho esses míseros cegos se achem felizes. (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 363)

A realização do Admirável Mundo Novo conta com a sabedoria do Grande Inquisidor. Nada mais atraente do que as expectativas em relação a um todo

ideal – sociedade ideal, sistema ideal – que tomará para si a infelicidade da liberdade afagando nossa impotência na resolução de nossos problemas.

Resolver os problemas sociais também resolve os problemas existenciais do homem? Pessoalmente já sonhei muito: "o mundo perfeito virá", "os problemas irão acabar", "seremos todos felizes" (Cf. HUXLEY, 2009) quase mais como um desejo que como uma possibilidade real. Mas hoje em dia estamos atormentados pelos problemas sociais que ameaçam a continuidade do sistema imposto, daí que os problemas existenciais ficam decorrentes de um sistema que intenta aboli-los, anestesiando a vida humana. (2/2011/R 27).

A perda do sonho pode resultar num ganho, um acréscimo de consciência e responsabilidade, quando serve como ponto de partida para uma nova tomada de posição. Sempre existirão escolhas, é claro, e cada situação sempre inédita demandará um pacto nem sempre confortável na sua manutenção. Por um lado, podemos dar consistência a um todo - "o mundo perfeito virá" - e dele esperar gratificações por nossa lealdade e obediência. Podemos ainda sonhar que entregando a ele nossa impotência seremos reconfortados em todas as nossas necessidades, amados e reconhecidos por valores que sequer possuímos na realidade, mas que certamente imaginamos possuir. Nesta curiosa inversão, ou retorno infantil, o sonho pode ganhar ares de ridículo:

[Homem Ridículo]: Parecia-me evidente que a vida e o mundo agora como que dependiam de mim. Podia-se dizer que o mundo agora como que tinha sido feito só para mim. Sem falar ainda de que, talvez, não vá haver realmente nada mais para ninguém depois de mim, e todo o mundo, assim que se extinguir a minha consciência, vai se extinguir no mesmo instante, como um fantasma, como um tributo apenas da minha consciência, e, porque vão sumir, talvez, todo esse mundo e toda essa gente – só eu é que existo. (DOSTOIÉVSKI, 2003, p. 100)

O problema está no fato que o mundo como tal não corresponde às nossas exigências. A dependência de reconhecimento deste todo nos torna servis, uma servidão segura, é fato, mas acaba por anestesiando a existência por lidarmos com um mundo que não existe. Compartilhar desta ilusão nos torna indiferentes a todos e a nós mesmos. Os afetos resultantes deste pacto infeliz são a ingratidão e o ressentimento pelo mundo e pelas pessoas existentes. E a

queira sua forma de comunicação mais frequente. (PONDÉ, 2014; DALRYMPLE, 2014; LASCH, 1983)

Por outro lado podemos estabelecer um outro tipo de pacto, mais oneroso e de difícil enquadramento porque não se reduz às fórmulas de si mesmo e do mundo. Ao contrário, vivencia o fracasso dos projetos e ainda assim recusa o amparo de um todo idealizado. Vejamos,

Após a leitura de um mundo artificial, distópico, (Cf. HUXLEY, 2009) e por mais impossível que pareça desejado por muitos que vivem numa certa anestesia espiritual e moral, interessados em apressar em buscar a eterna felicidade, felicidade como "apanágio da vida". Possuindo como condutor - o Estado - que a tudo soluciona, propicia e determina para que se alcance esta "felicidade", cabe a todos deste mundo "feliz"; o não pensar, não sentir, não refletir, não amar, não sofrer, não sentir dor, não possuir laços afetivos, não possuir crença quer seja em si próprio quer seja em algo maior que ele, enfim, nega a tudo que constitui o homem em seu processo de crescimento e evolução.

No final desta leitura que deprimem alguns e entorpecem outros (para mim, mais entorpece), passamos para a leitura de um livro que nos traz à vida, nos mostra a verdadeira felicidade, que não é procurada e muito menos alcançada, é a simples "felicidade do" viver a vida", com tudo o mais que ela oferece: raiva, ódio, magoa dor, alegria, perseverança, tristeza, medo, despojamento, riscos, reflexões, sofrimento, morte, incertezas, certezas, real, a fantasia, imaginário, sublime, horror, Deus, Diabo, crença, descrença... Como ator principal deste livro "Zorba o Grego", (KAZANTZAKIS, 1973) encontramos Zorba que "vive a vida" numa realidade máxima, verdadeira, tangível, visceral, e seu segundo personagem o narrador, seu patrão vive uma vida literária, imaginária, não tangível na experiência da vida. (2/2011/R 28).

O contraste entre uma posição que busca "a eterna felicidade" e que se submete a um "condutor" que tudo determina e outra que "nos mostra a verdadeira felicidade, que não é procurada e muito menos alcançada" toca exatamente no núcleo que diferencia as duas posições. Por um lado dar consistência a um "condutor/ outro" na expectativa de uma suposta felicidade eterna significa estar de acordo com os modos e sentidos que este "condutor/ outro" nos impõe. Isto nos exime de responsabilidades, mas de maneira tranquila, porque nos identificamos com todos aqueles que da mesma maneira se sujeitaram à convergência em relação ao ideal. Por outro lado, a felicidade inalcançável nos diz respeito a uma felicidade ou vida que não é prescrita de

maneira ideal e racionalizada, este “viver a vida” comporta sentidos imprevisíveis que precipitam da experiência. E diante destes a tomada de posição será sempre própria com o ônus da responsabilidade decorrente, uma liberdade possível diante de uma vida real que comporta também infelicidades e sofrimentos. O fracasso das fórmulas de uma “vida literária, imaginária, não tangível” nos coloca numa situação difícil de sustentar, porém mais de acordo com a singularidade. Afinal, a criação não pode ser entendida como acúmulo de saberes e fórmulas, mas antes, como própria do desejo humano – uma assinatura - que se inscreve num todo indiferenciado. Sustentar-se nesta posição torna os homens menos ridículos. (PONDÉ, 2014; RIOLFI, 2008)

[...] isto nos remete a um mito da modernidade: o do homem estar no controle dos processos todo o tempo. Alice (CARROLL, 2012) não tem controle sobre os acontecimentos: sobre o que ocorre na sua trajetória, sobre os processos ... e no entanto tudo segue adiante. Tudo segue seu curso - embora não exatamente da forma como Alice havia planejado, mas segue, e acontece. Mas, se há contrariedades diversas, Alice não precisa de muito tempo para se adaptar às novas realidades. Alice quase não se contraria; quando isto acontece, em muito pouco tempo resolve. O sentimento egocêntrico não domina Alice: apesar de seguir adiante em seus objetivos, sempre encontra tempo para doar ao outro formando uma história pessoal de convívio, liberdade e respeito. (1/2011/R 21).

“E no entanto tudo segue adiante”, dolorosa constatação, apesar de todos os esforços dispendidos na expectativa de previsão e controle “tudo segue seu curso”. O movimento da vida não se rende aos nossos esforços de controle sobre processos e resultados, caso assim acontecesse o círculo vicioso do inferno estaria irremediavelmente fechado. Nesta identificação em relação aos processos repetitivos, voltando à cena inicial do front - “então o ciclo se repete novamente, milimetricamente calculado e controlado” – a curiosidade se extingue. Curiosidade demanda um não saber em relação aos processos e resultados, em relação à vida como tal. Isto abre uma possibilidade no horizonte, só assim “uma história pessoal de convívio, liberdade e respeito” poderá vir a ser um acontecimento. Quando o “sentimento egocêntrico não domina” a arrogância - do tudo saber e tudo definir - pode ceder lugar à humildade.

A aparição de Zorba (KAZANTZAKIS, 1973) nos trouxe outro ângulo à discussão: ele é movido pela experiência anterior a todo juízo, a sua paixão é viver o momento. O livro nos mostra a dicotomia entre a liberdade VS a moral humana do idealismo VS o vitalismo. Então a discussão sobre a paixão e a subversão do Zorba se centrou nas relações que ele estabelece com as pessoas dentro de uma ética que não podemos "sistematizar", ele não age dentro de um sistema rígido de valores, tem a liberdade de atuar conforme a sua experiência humana dita. Ele, igualmente como o selvagem, é mobilizado pelo amor, pelos afetos. (2/2011/R 27).

As teorias da perfectibilidade pressupõem que os homens sejam perfeitamente capazes de se tornarem muito superiores ao que são. Claro, muitos avanços foram alcançados nas ciências, artes, e nos afetos. Porém, somente alçaram voos porque permanecemos humanos, ansiosos, descontentes, e apaixonados. “Tentar, na busca pela perfeição, alçar o homem acima desse nível é provocar um desastre; não existe nível acima, mas apenas abaixo.” (PASSMORE, 2004, P. 667) A realidade nos mostra que não existem garantias que os homens se tornem melhores do que são. Ser humano implica inacabamento, indefinição e equívocos. E ser afetado por pessoas reais nos lança numa “experiência que antecede a todo juízo” qualificando as relações que estabelecemos com “as pessoas dentro de uma ética que não podemos sistematizar”. Se considerarmos que o inacabamento e o equívoco nos constituem, como determinar sistemas que projetem formas de conduta universalizáveis?

Seria esta a alternativa que faltou no "Admirável mundo novo"? (HUXLEY, 2009) Ver as coisas como se fosse a primeira vez, com muita paixão, deixando-se afetar? Parece que viver um momento de cada vez, sem a pretensão de controlar todas as "variáveis" e ao mesmo tempo não "perder o rumo", pode ser também uma maneira inteligente de tentar sobreviver em ambientes tão hostis quanto uma UTI, seja no papel de profissional ou de paciente. (2/2011/R 36).

Sabemos que a experiência permite que os sentidos se desloquem e mobilizem atos e afetos em direções diferenciadas a cada circunstância. E isto “subverte” qualquer sistema, ou pelo menos, o coloca em dúvida. Não é por acaso que na literatura distópica o amor não é permitido, porque isto destrói a uniformidade necessária para a manutenção de um todo ideal. Porque o amor

pressupõe imperfeição, mesmo as melhores experiências amorosas, aquelas em que nos ocupamos da figura amada, envolvem descontentamento, dependência, desunião, sofrimento e infelicidade. *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo*, conforme Nelson Rodrigues, poderia ser tomado com maior seriedade em nosso mundo admirável, e quem sabe assim deslocaria a frustração decorrente da expectativa por um ideal para o real. “Sem a pretensão de controlar todas as “variáveis” e ao mesmo tempo não perder o rumo”.

Entender que a diferença entre nós e os nossos pacientes é simplesmente a cama, nos faz voltar a “ser gente”. É possível comprometer-se mais para minimizar o sofrimento do nosso semelhante. É necessário esforçar-se mais para encontrar o equilíbrio dentro das diversas situações que a vida nos proporciona. É nosso papel mostrar que é possível ser feliz com pequenas conquistas, que estas devem ser sempre celebradas com dança, música e riso. É na soma destas pequeninas vitórias que podemos encontrar a tal sonhada felicidade. (2/2011/R 36).

O amor à humanidade como ideal só se sustenta quando desconsidera a realidade, de tal forma que é possível amar a humanidade não amando ninguém. Podemos associar o amor como uma forma de consideração, uma atitude de tratar uma pessoa considerando seus interesses e seu estado e ir em seu auxílio, mas vai além disso. “Comprometer-se mais”, “esforçar-se mais” só se sustentam no desbastamento das imagens idealizadas de si mesmo, contra os imperativos de reconhecimento de si associados ao reconhecimento da eficácia de um sistema ideal. Somente assim “minimizar o sofrimento de nosso semelhante” deixa de ser secundário, como mais um objeto de nossos cuidados.

Será preciso desabonar a imagem associada ao amor humanitário – ninguém ama indistintamente, nem pode exigir ser amado desta maneira – e buscar discernir como e por quem queremos ser reconhecidos. Assumindo os riscos que um posicionamento de tal ordem - posicionamento de um desejo próprio - sempre traz “dentro das diversas situações que a vida nos proporciona”.

“Entender que a diferença entre nós e os nossos pacientes é simplesmente a cama, nos faz voltar a ser gente” não pode ser reduzido a uma simples manobra que apaga as diferenças. Mas antes, uma decisão que visa estabelecer um posicionamento levando em conta os riscos que dele decorrerão.

E quem sabe desinflando as ambições perceber que “É na soma destas pequeninas vitórias que podemos encontrar a tal sonhada felicidade.”

Duas coisas em especial me chamaram a atenção nesse livro: quando Zorbás (KAZANTZAKIS, 1973) fala da velhice e da morte. Ele diz que a morte não é o problema, pois é o final de tudo, mas envelhecer sim é vergonhoso. Velhice e morte são dois temas teoricamente e espiritualmente muito debatidos. Mas, Zorbás nos coloca a pensar nisso na prática, no aqui e agora e na experiência, como um "choque de realidade".

Parece falar do envelhecimento da pessoa que ao longo do tempo foi perdendo lentamente algumas das capacidades adquiridas durante a vida, seja através da doença ou do próprio limite da idade. Lidar com essa realidade é difícil, pois na vida nos preparamos somente para o bom e sempre queremos eliminar as dificuldades e que, neste caso, a morte pode ser a solução de todos os problemas. (2/2011/R 38).

Debater temas como envelhecimento e morte é muito distinto de viver a experiência da velhice. Vivência que acabará por encontrar a aversão ao processo de envelhecimento que vem se tornando cada vez mais comum em nosso tempo. Isto ocorre tanto pelas evidências da decadência física ao perceber um corpo que vai “perdendo lentamente algumas das capacidades adquiridas durante a vida”, como pela intolerância social que recusa o valor da sabedoria dos mais velhos relegando sua existência para segundo plano. Talvez o “choque de realidade” nos indique um pânico irracional pois tememos a velhice muito antes de encontrá-la. A realidade inegável da morte assombra mesmo no apogeu da vida na forma de um medo do que virá.

Num mundo onde poucos recursos interiores são cultivados a imagem de si mesmo acaba sendo elevada ao valor de culto. Porém, assim como Narciso, a imagem pela qual ele se apaixona não poderia ser tomada como o eu. Tal imagem é frágil e necessita de muito reconhecimento dos outros para validar seus supostos atributos. Com o passar do tempo a decadência da produtividade, força física, atributos ligados à beleza, entre tantos outros, vão se mostrando implacavelmente. E fica cada vez mais difícil sustentar a própria imagem ancorada num ideal de eu eternamente perfeito e jovem. Na velhice a busca de reconhecimento de um valor assim idealizado acaba degenerando numa espécie de pensamento positivo, como uma forma de incentivo para melhorar o nível da imagem que se pretende sustentar. Incentivo com o propósito de tranquilizar

alguém em relação ao processo de envelhecimento, mas que certamente será derrotado em seu próprio objetivo, cedo ou tarde, potencializando as angústias diante de nossa efemeridade, “pois na vida nos preparamos somente para o bom e sempre queremos eliminar as dificuldades”.

Ao pensarmos na prática, no aqui e agora, “envelhecer sim é vergonhoso”. E mais se considerarmos com Lasch (1983), “Patológico em suas origens e inspiração psicológicas, supersticioso em sua fé pela opinião do médico, o movimento pela longevidade exprime de forma característica as ansiedades de uma cultura que não acredita ter futuro.” (p. 262) Ainda com Lach, o terror da velhice não decorre da cultura da juventude, mas antes, da cultura do eu em sua visão grandiosa de uma utópica possibilidade de uma vida sem velhice. Ao darmos consistência aos progressos tecnológicos que supostamente nos trariam amparo alongando indefinidamente a vida alimentamos nada mais que uma fantasia de poder absoluto. E quando a fantasia perde a força de sustentação “a morte pode ser a solução de todos os problemas”, assim como foi para Narciso.

Quantos corpos doentes poderão ser reavaliados, apenas porque a doença pode estar na alma, no medo de se encontrar no fundo do espelho, no inferno onde deve-se deixar as esperanças, no purgatório onde a culpa paralisante impossibilita vislumbrar um novo horizonte. Então, aprisiona-se na doença e busca remédios que podem curar a dor física, mas muito distantes de curar a doença da alma. (1/2011/R 10).

É urgente sabermos que ter expectativas não é a mesma coisa que ter esperança. A primeira nos prende a uma ansiedade de controle sobre o mundo; a segunda, quando verdadeira, parte da consciência de que precisamos pedir ajuda porque não conseguimos atribuir sentido à vida por nós mesmos. (PONDÉ, 2014, 133)

Vamos retomar o relato da cena do front hospitalar: “Dois conceitos podem ser destacados nesta discussão: a felicidade e a liberdade. Como conviver com estas duas forças sem instabilizar um sistema tão controlado?” Um sistema tão controlado e estável, um sistema dos sonhos, se funda na promessa de simplificação, muito do mesmo com poucas variáveis instáveis que coloquem em risco a segurança; e por decorrência a felicidade. Por outro lado, “Será que o Zorba apresenta um tipo de humanidade que hoje já não é possível? Será que ele representa o mito do homem totalmente livre?” (2/2011/R 27). Segurança ou

liberdade, felicidade ou liberdade, duas qualidades necessárias e incompatíveis, urgentes e fonte de atritos na maior parte do tempo. Segurança feliz sem liberdade equivale à escravidão. Liberdade sem segurança equivale a ver-se perdido e desamparado. Historicamente nenhuma solução perfeita foi encontrada, mas hoje sabemos bem para qual lado da balança depositamos nossa escolha.

Ser humano significa exatamente ser instável e diante de um cenário tão controlado a liberdade grita e a asfixia ganha o corpo que se rende, “Quantos corpos doentes poderão ser reavaliados, apenas porque a doença pode estar na alma”. Não seremos humanos sem liberdade ou sem segurança, mas certamente a busca pelo “perfeito” será inimigo mortal dos dois. (BAUMAN, 2003) O perfeito não comporta equívocos e acaba por delinear o lugar que cada um atribui a si mesmo. Isto retira todo o movimento próprio da vida que comporta um não saber e estabiliza a dança da liberdade num circuito muito estrito e asfixiante.

Sendo graduando de enfermagem, não me ocorreu que eu precisasse entender mais sobre o meu humano para atender o próximo; saber mais da relação entre o cuidador e do cuidado. Foi nesse ambiente que consegui desvendar um pouco mais da minha lógica, dos meus condicionamentos e como humanizar o humano que vive em cada um de nós. (2/2011/R 56).

Humanização convoca a entendermos mais sobre “o meu humano”, desvendando as lógicas e condicionamentos a que nos submetemos. E este processo comporta o deparar-se com o “medo de se encontrar no fundo do espelho, no inferno onde deve-se deixar as esperanças, no purgatório onde a culpa paralisante impossibilita vislumbrar um novo horizonte.” Não se trata de ancoragens em conceitos ideais, mas antes na realidade. Sustentar imagens ideais de si mesmo só aumentam as expectativas de controle e reconhecimento. Isto alimenta a ideia que o mundo nos deve reparação uma vez que a imagem ideal não suporta enxergar a si mesmo como alguém que se encontra no inferno, ou paralisado pela culpa. Paralisado pela ansiedade de controle que espera do mundo uma restituição – que não virá – de algo que sustente nosso inacabamento. Mas é exatamente esta a marca que nos constitui como humanos, o inacabamento, que demanda sempre por mais vida porque o

propósito sempre nos escapa. A perfeição por outro lado se sustenta na ilusão de vida.

Quanto ao "Paraíso" (Cf. ALIGHIERI, 2012) se mostrou um livro muito chato. Como seria um local em que tudo seja perfeito - as pessoas, as situações? É tão idealizado, tão sem vida real, que não concebo nele a existência de pessoas, com seus objetivos, seus sonhos, seus amores e desamores, qualidades e defeitos (até mesmo por que para alcançar este "Paraíso", o indivíduo não pode tê-los, não é?). Aliás, me lembro de que este foi um fato comentado no primeiro encontro: O Paraíso deve ser vazio e chato! (1/2011/R 15).

“Sendo humanos, não podemos realizar a esperança, nem deixar de tê-la.” (BAUMAN, 2003, P. 11)

III. PERCURSO ESTÉTICO LITERÁRIO

Ser caleidoscópio, girar sem orientação certa, pois seja qual for à direção, uma nova forma surgirá exclusiva. Instante único, num piscar de olhos já não é mais o que era antes, uma flor surgiu e logo se foi, agora vejo um céu estrelado como o de nossos ancestrais, amplo... O mundo caleidoscópio girou e me trouxe um anjo. Enfim, o universo abriu-se em mim e as cores surtiram seu efeito, está feito.

No princípio era o *verbo*... (1/2012/R 74).

Cena 6: Literatura Clássica no Laboratório de Humanidades

Por que Virgílio? (Cf. ALIGHIERI, 2012) Muito foi dito, sobre essa escolha, incluindo algo como: "tem que ser Virgílio porque só a arte salva". Nesse momento, só reforçava minha ideia de que a escolha seria sempre alguém que Dante admirasse e que se aproximasse de alguém em que se possa confiar. Porque em todas as leituras que fiz, sempre enxergo Virgílio como o ídolo, a referência e o porto seguro de Dante, e transportando pra nossa realidade, isso é pra mim, a característica de uma amizade, relação de confiança. Mas aqui foi onde o LabHum entrou pra mim: Deixe as pessoas contarem suas histórias de leitura. No laboratório não existe certo ou errado. Afinal estamos num laboratório de humanidades, saber ouvir e respeitar as ideias e os argumentos das outras pessoas é trabalhar nossa humanização. Esquecer um pouco a lógica intrínseca em nosso dia a dia e passar a ouvir a opinião e a ideia do outro.

Conceituar certo ou errado não é a proposta, mas sim nos tornarmos pessoas mais tolerantes ao ponto de, muitas vezes talvez não concordando, respeitar a opinião e as atitudes das outras pessoas ...

Seja Alice (CARROLL, 2012) ou Divina Comédia (ALIGHIERI, 2012), ou qualquer outra obra, o LabHum me ensinou a prestar atenção a tudo e a todos, manter uma postura mais acessível e menos protocolada como é a realidade do laboratório, dessa vez onde faço a pós graduação, onde em meio a tantos protocolos e experimentos, esquecemos um bom tanto de sermos mais simples e prestar mais atenção ao redor, sair da tal zona de conforto onde muitas vezes nos refugiamos. (1/2011/R 11).

Estaria o segredo da obra clássica em ocupar-se de temas obscuros e inacessíveis revelando chaves de leitura que proporcionariam acesso restrito aos poucos escolhidos diante de um segredo do universo? Esta maneira de abordar a obra de arte mais consiste em retomar uma imagem que equipara o artista com um deus criador que engendra conjuntos coerentes e fechados em

si mesmos. Um macrocosmo sem qualquer obrigação de correspondência com algo que ela não é, a vida por exemplo, e que tem como exigência somente a coerência. Ou deveríamos talvez considerar as obras clássicas como grandes tratados que necessariamente submeteriam a literatura à moral, preocupadas com o efeito produzido no leitor, e a humanidade encontraria assim um caminho seguro para normalizar-se, submetendo suas ações aos parâmetros apresentados como princípio?

Tantas foram as formulações que pretenderam, e ainda pretendem, subordinar a literatura às formulações gerais e abstratas, ainda que reconhecendo seu status de conhecimento, que mais nos levam a dissecá-la do que à paixão da leitura propriamente dita. Por outro lado, não seria a aspiração da literatura mais simples, e ao mesmo tempo mais complexa, como compreender a experiência humana? (TODOROV, 2010; COMPAGNON, 2009) Diríamos então que no lugar de formulações gerais a literatura compreende o singular preservando a riqueza e o risco do vivido. E sua grandeza está em nos dar a ver o que não enxergamos, “uma nova forma surgirá exclusiva.”

A literatura, assim como o escritor, é mais livre dos condicionantes a que outras áreas do conhecimento se subordinam, assim está dispensada do peso das expectativas que uma disciplina científica demanda e transita com maior liberdade. Ao contrário da maneira que a cultura hoje vê o mundo: composto de partes separadas, um descontínuo, uma série de combinações sobre números finitos e circuitos que se ligam aos transistores em nossa calota craniana. Por sua vez, a literatura é mais afeita às tradições e aos elos geracionais e históricos, preserva um *contínuo* como um fio que desenrola (CALVINO, 2006), e ao ultrapassar o plano dos conteúdos nos mostra um “céu estrelado como o de nossos ancestrais, amplo...”.

“Por que Virgílio?” Talvez além de encarnar o “porto seguro de Dante”, Virgílio seja este fio condutor, um elo amoroso como mestre – não como aquele que determina a consciência – mas antes, preserva a possibilidade do *contínuo* na obra e na vida. Não exclui as experiências vividas, mas antes, recoloca mundos em continuidade e, ainda que de maneira mais densa que no cotidiano, amplia o universo possibilitando “manter uma postura mais acessível e menos protocolada como é a realidade do laboratório, dessa vez onde faço a pós graduação, em meio a tantos protocolos e experimentos”. Os personagens da

obra clássica são mais verdadeiros porque são inesgotáveis e por esta razão apresentam “característica de uma amizade, relação de confiança” a quem nos percebemos ligados na cadeia dos homens e da história. (CALVINO, 2006; TODOROV, 2010)

A obra literária nos revela a nós mesmos. Pelas experiências vividas, trazemos nossas próprias experiências de vida à tona. Foi-me impossível deixar de fazer a analogia com minha própria história. Dante (Cf. ALIGHIERI, 2012) começa seu percurso perdido "no meio do caminho da vida", e na resolução deste conflito precisa entrar no inferno, reconhecer tudo que há lá dentro. Também eu me apresentava no "meio do caminho", com pouco mais de 40 anos, e com muitas dúvidas quanto a como seguir adiante; mas sempre relutei em entrar em meu "inferno" interior, talvez da mesma forma como sempre relutei em ler esta obra. E, no entanto, é essencial penetrar nos domínios sombrios, trazer à tona os sofrimentos que ali se apresentam encará-los, reconhecê-los, e superá-los - pois este caminho só faz sentido quando é passagem para o Purgatório (reino de negociação) e, finalmente, para a estação de tranquilidade e bem estar no Paraíso.

Desta forma, a leitura do livro vai nos deixando face a face com nós mesmos. Cada paisagem desoladora, cada personagem encontrada, com suas histórias, suas mazelas e seus sofrimentos, nos traz sentimentos, julgamentos, e reflexão: e a humanização parece aflorar internamente, na perspectiva de que o autoconhecimento possibilite a mudança de rumo de nossa própria vida. Humanização aqui entendida como permitir que aflorasse o humano dentro de nós, deixando de lado as máscaras e os comportamentos socialmente "esperados". Poder observar nossa história, refletir sobre nossa vida: perceber os pontos que precisamos melhorar, os nossos sofrimentos, as atitudes negativas que repetimos por vezes de forma inconsciente, bem como as situações que já melhoramos. Ou seja, visitar desassombradamente nosso inferno, sabendo que podemos sair dali para viver melhor. (1/2011/R 21).

“A obra literária nos revela a nós mesmos”, o inesperado: começamos a ler e somos lidos em relação a ele. (CALVINO, 1993) Isto se dá porque a literatura não está submetida à tutela da objetividade e neutralidade como nas ciências. Assim, na medida em que “O poeta não usa descrições do mundo; ele próprio participa de sua criação” (TARKOVSKI, 1998, p. 45), ele não se coloca num estado de indiferença que uma mera descrição possa vir a realizar. De modo que ao final nem o autor, nem o leitor, poderão ser aquilo que eram ou acreditavam ser. Dante e o leitor encontravam-se perdidos "no meio do caminho da vida", e uma vez que participam da criação só o realizam colocando em jogo

a própria pele. Aqui a literatura se diferencia enormemente de outras formas de experimentação prática que se realizam, ao contrário, na pele alheia. (CALVINO, 2006)

Num estado de indiferença o leitor se torna mero espectador, ainda que isto lhe possibilite emitir críticas e juízos acerca dos acontecimentos, será sempre destacado do mundo. Alçar uma verdade a ser submetida a verificação será sempre mais confortável se realizado na pele alheia. Por outro lado, num estado dramático onde é a própria pele que está em jogo, o autor, ou obra literária, não impõe ao leitor a elaboração de uma tese. Mas ao estabelecer com ele uma relação pessoal dando forma ao acontecimento ele propõe e deixa o leitor livre e mais ativo permitindo que responda melhor à sua vocação de ser humano que "parece aflorar internamente, na perspectiva de que o autoconhecimento possibilite a mudança de rumo de nossa própria vida." (CALVINO, 2006)

Dito de outro modo:

O fato é que este livro era para ser lido mais com as entranhas do que com a cabeça. E ler pelas entranhas é uma atividade bastante arriscada, na maioria das vezes elas são bem mais facilmente atingíveis do que a cabeça. Algo que o gerente, cuja maior qualidade era não ficar doente (talvez tivesse entranhas pouco atingíveis) certa vez alertara a respeito do coração das trevas: "Os homens que vêm para cá não deviam ter entranhas." (CONRAD, 2008, p.38). (2/2012/R 91).

A questão não é assim tão tranquila e se dá entre a preferência de compreensão ou a desistência de compreensão. O limiar está demarcado pela atitude da leitura que será decisiva. (TODOROV, 2010) Cabe ao leitor levar a literatura a esclarecer sua força crítica, ainda que coloque a própria pele ou suas entranhas em jogo. Afinal, "elas são bem mais facilmente atingíveis que a cabeça".

É bem verdade que nos irritamos quando nos é revelada nossa própria imagem que não gostamos de ver. Imagem esta que escondemos com palavras e atos hipócritas. Por que escondemos? De quem? Escondemos da sociedade. Escondemos para nos encaixarmos no mundo das aparências, criado por nós mesmos. De quem escondemos? De nós mesmos. (2/2012/R 92).

“É bem verdade que nos irritamos quando nos é revelada nossa própria imagem que não gostamos de ver”. Ainda mais num mundo dedicado às exposições intensas, frases curtas, linguagem facilitada e icônica, onde se cultiva imagens de um triunfalismo feliz e que suscitam reações de inveja e rancor, ressentimento e promiscuidade. Sustentar uma aparência de não solidão e sucesso soa tão falso quanto o imperativo de uma vida autêntica baseado na exposição ininterrupta e voluntariosa de um eu transparente, portanto, melhor ou mais valioso. Hipocrisia pode também ser compreendida como uma máscara a ser combatida por contrapor-se a um tipo de voluntariedade que dispensa e passa por cima de outras maneiras – mais civilizadas – de lidar com divergências. Desta maneira o eu transparente e voluntarioso ao demover hipocrisias não cede lugar a mais autenticidade, antes concede a outros eus transparentes perpetuar a queixa por mais voluntariedades. Não liberta, só repete.

Importante esta distinção, porque diferente do “mundo das aparências criados por nós mesmos” a literatura nos concede intimidade, não exposição. Intimidade como um bem precioso de onde atamos laços que possibilitam uma interpretação personalizada, como limiar demarcado que sustentará uma atitude de leitura. (CALVINO, 2006; TODOROV, 2010) Só assim “o homem, assim como Meister no romance, ao procurar um mestre, ao término da empreitada encontra a si mesmo.” (1/2012/R 61). Ou ainda, intimidade que não se permite ser confundida com uma fantasia refletida, mas chama à reflexão:

Sonhamos acordados algumas vezes em nossa vida, mas quem disse que não estamos apenas vivendo no mundo dos sonhos e um dia acordaremos dele. Quando nos olhamos no espelho, vemos ali a nossa imagem real ou uma imagem imaginária ou até mesmo de mentira. Será que somos apenas fantasias criadas por nós mesmos, e mostramos no espelho somente aquilo que aguentamos ver? A Literatura promove uma linguagem que nos aproxima em algumas vezes de nossa realidade, ou que nos faz refletir sobre nossa realidade. (1/2011/R 01).

A literatura nos coloca por vezes diante de um campo de forças que desloca o centro de gravidade; se por um lado o racionalismo excessivo associado a uma pretensa transparência dos fenômenos humanos se mostra

estéril, por outro lado, uma percepção íntima e dramática da vida humana nos mostra abertura, não repetição. Menos inflado, o eu não transparente pode ir ao encontro de outras pessoas, não de sua imagem.

Minha concepção de Inferno (Cf. ALIGHIERI, 2012) foi se modificando na medida em que, na solidão dos pensamentos que permeavam as situações reais vividas, me levaram a visualizar como estava lidando com meu próprio inferno. Que pessoas faziam parte dele e quem eram meus Virgílios. Agora me via diante da clareza deste contexto, e me percebi lidando os sentimentos advindos da minha relação com as pessoas que dele faziam parte de maneira diferente. Ao reconhecer meus Virgílios passei a valorizá-los mais e me senti gratificada por ter conseguido fazer isso a eles também. (1/2011/R 18).

Existe ainda uma força particular da obra clássica, ela nunca termina de dizer o que tinha para dizer e cada encontro é um acontecimento sempre novo. (CALVINO, 1993, p. 11) Porém será necessário que a deixemos dizer sem intermediários. Nenhum livro fala de outro livro melhor que o próprio, isto porque o efeito da leitura está em que a partir dela podemos nos deleitar com nossas próprias histórias. A obra clássica nos convoca a ouvir o mesmo chamado que levou o artista a criá-la. “Nesses momentos, reconhecemos e descobrimos a nós mesmos, chegando às profundidades insondáveis do nosso próprio potencial e às últimas instâncias de nossas emoções.” (TARKOVSKI, 1998, P. 49)

Depois do sufocamento, da repressão, dos limites e normas do Admirável Mundo ((HUXLEY, 2009) novo eis que nos deparamos com o céu azul, o vento, o horizonte e o ilimitado Zorba, o grego. (KAZANTZAKIS, 1973) Sua falta freio, seu aparente desapego e descompromisso com tudo e todos, provocou desconcerto. Então, a sensação que tive ao ler Zorba foi o de ter saído de um lugar muito escuro e a claridade incomodou. (2/2011/R 23).

Como pano de fundo para as aventuras em séries de Zorba o autor nos mostra a vida como ela é, repleta de personagens como nós, que têm suas paixões, vaidades, amores, esperanças e mais outros sentimentos: inveja, vingança, mentiras, desesperança, bondade e compaixão, enfim, a essência humana e a capacidade de conseguirmos sentir todos eles, e no qual nos reconhecemos em alguma personagem ou identificamos características de alguém conhecido em outra. (2/2011/R 23).

“No sufocamento ou no céu azul”, como o escritor nos permite transitar em cenários tão distintos sem autoacusações ou vergonha? Numa vida “repleta de personagens como nós, que têm suas paixões, vaidades, amores, esperanças e mais outros sentimentos: inveja, vingança, mentiras, desesperança, bondade e compaixão, enfim, a essência humana”? Tão diferente do texto de um homem comum que somente afirma e repete à exaustão o valor de um ato personalizado. Homem comum que tenta controlar a maneira como será interpretado, sua história é só sua, e ele teme que percebamos outras nuances naquilo que diz. Mas, afinal, qual seria o valor de escutar seu próprio eco? O escritor, ao contrário, é mais livre e não busca controlar nem impor maneiras corretas de interpretação, ainda que ele próprio tenha pontos fracos ou obscuros sua obra ganha vida apesar deles. (FREUD, 1908 [1907]; FORBES, 2010) Liberdade aqui compreendida como “[...] aprender a exigir apenas de si mesmo, não da vida ou dos outros, e saber como doar: significa sacrifício em nome do amor.” (TARKOVSKI, 1998, p. 217) Sem concessões mas generoso, em suas histórias muitas outras passam revelando “possibilidades jamais sonhadas”:

Mas os sentimentos, emoções e entendimento por eles despertados já são partes inerentes de cada um de nós, de tal forma que, muitas vezes, já não podemos discernir onde eles terminam e onde começamos nós.

Alguns dos personagens invadiram literalmente nossas vidas (Cf. RODRIGUES, 2004, V.1), revelando emoções escondidas e possibilidades jamais sonhadas: “*acho que não seria assim tão fácil matar meu marido*”. (1/2012/R 68).

O escritor não teme ser mal entendido porque sabe que o equívoco é constitutivo de nossa humanidade. Sua segurança não vem da aprovação externa, por isso não faz concessões, mas antes de uma certeza constitutiva que o leva a dar forma ao espaço do sem palavra. E que nos possibilita arriscar mais diante do desconcerto “de ter saído de um lugar muito escuro e a claridade incomodou.” A arte e o artista nos colocam diante de dimensões distintas, diferentemente do conhecimento empírico não raciocina em termos lógicos nem formula uma lógica dos comportamentos humanos. O universo da obra comporta crédito ou rejeição diante do impacto estético causado pela obra, melhor dizendo com Tarkovski:

Na ciência quando ocorre o momento da descoberta, a lógica é substituída pela intuição. Na arte, como na religião, a intuição equivale à crença, à fé. É um estado de alma, não um método de pensamento. A ciência é empírica, ao passo que a criação de imagens é regida pela dinâmica da revelação. Trata-se de uma espécie de lampejos súbitos de iluminação – como olhos cegos que começam a enxergar; não em relação às partes, mas ao todo, ao infinito, àquilo que não se ajusta ao pensamento consciente. (1998, p. 44)

Um estado de alma não um método de pensamento. A compreensão na ciência diz respeito a um plano lógico demonstrável e repetitivo, e a intuição científica se dá em relação aos dados indicativos que possibilitarão uma dedução lógica. A inspiração do cientista nada tem a ver com a intuição artística. Na arte compreensão representa aceitação estética do belo:

Em uma breve comparação a minha própria vida, naquele período eu parecia que estava meio que robotizado, mergulhado na rotina e no fazer sem pensar, sem refletir... Via-me nos personagens estáticos e sem questionamento. Identifiquei-me e estarreci! Parecia que estava lendo sobre a minha realidade de vida. Tudo corrido sempre, sem momentos para reflexão, sem crítica, sem questionamentos. Acho que umas das grandes queixas do homem moderno é o estresse da contemporaneidade, trânsito, correria, tudo mecanizado, sem brilho, sem vida... O livro era o retrato que via em parte da minha vida e de nossa sociedade adormecida. Temos relacionamentos vazios, muitos se orgulham de possuir 2000 amigos nas redes sociais, mas de fato não possui um sequer. Vivemos num mundo cheio de pessoas vazias.

Aprendi que temos em nós um mundo de possibilidades, mas nossos olhos não estão treinados para ver beleza, soluções. O Admirável Mundo Novo (HUXLEY, 2009) pode estar em nosso interior. (2/2011/R 35).

A literatura clássica é mais afeita aos legados de uma tradição que acaba estabelecendo um grande confronto à ideia de um indivíduo autocentrado e gerador de si mesmo. Tradição aqui bem entendida como uma percepção do mundo que não estabelece fronteiras tão definidas entre homem e mundo, interno e externo, passado e futuro, mas antes recoloca mundos em continuidade. “Pode-se-ia afirmar que a arte é um símbolo do universo, estando ligada àquela verdade espiritual absoluta que se oculta de nós em nossas atividades pragmáticas e utilitárias.” (TARKOVSKI, 1998, p. 40)

Dentre tantas discussões realizadas, houve uma que chamou mais atenção: o processo de humanização comparado a uma cruz, que tende a levar aquele que o realiza para o alto mudando sua visão sobre o Homem (verticalização), mas que necessita da horizontalidade para permanecer com o humano e vinculado à realidade. Essa imagem é para que aqueles que optaram por entrar nesse caminho de reflexão e atitude não se sintam superiores aos demais. A humanização exige reflexão e atitude. Na falta de uma dessas realidades, o processo está falho. (2/2011/R 55).

Um legado que estabelece tensão continuamente entre absoluto e provisório percebido como “o universo abriu-se em mim e as cores surtiram seu efeito, está feito” – retomando a primeira epígrafe – o universo caleidoscópico que possibilita refratar-se em experiência própria e única forjando um elo com toda a história da humanidade. O que torna a responsabilidade de cada um incalculavelmente maior. “A humanização exige reflexão e atitude”, desacomodação, ao abrir mão de uma lógica que busca completude onipotente na esfera da existência cotidiana para outra que se abre ao inacabamento. Ou ainda, subvertendo o sentido comum, “Em minha visão, o Laboratório de Humanidades - LabHum funciona como um *recall* para os desajustados, para aqueles que não se enquadram em uma lógica pré-determinada.” (2/2011/R 56). *Recall* que se abre para o risco de uma expressão criativa que não vise a desconstrução pela desconstrução, mas antes, que preste consequência à liberdade de exigir somente de si mesmo.

O encontro com ele foi belo e decepcionante para a minha sede de captura. Kurtz não se deixa capturar e no final do livro não sabemos muito bem o que aconteceu e quem era ele. Era um homem bom? Era um homem mau? Não consigo responder a nenhuma destas questões, o que me leva afirmar que o encontro não foi gratuito, talvez tenha aquietado um pouco a minha sede de captura-classificatória, ou como disse o "Russo": "Vou lhe dizer, exclamou, esse homem ampliou o meu espírito". (CONRAD, 2008, p.87). (2/2012/R 91).

A literatura nos desafia o tempo todo. Como lidar com a decepção resultante da “sede de captura” diante de um personagem com contornos indeterminados? Buscamos a paz tranquilizadora do finito, numerável, classificável, um desejo de limitar o mundo. Uma defesa que talvez nos revele a

incapacidade de lidar com o desconhecido, indefinido e não sistematizável, e que nos leva à construção de confortáveis fortalezas. Mas a tensão da literatura se dá na medida em que ela tenta escapar desta finitude, desta recusa em acreditar que nada possa escapar da razão e da ordem. Um esforço em exceder os limites da linguagem como um chamado daquilo que está fora do campo do tudo saber. A história humana é uma história *esburacada* e todas as tentativas de compreensão passam pela tentativa de recompor estes espaços. Existirá sempre uma parte oculta onde faltarão palavras para chegar, um vazio de linguagem que aspira por mais palavras. A linha de força da literatura está em sua tentativa de dar palavra ao que permaneceu não dito, esta é sua força, ancorada neste impossível torna a vida mais real e menos prescrita. (CALVINO, 2006) Curiosamente, diante do não saber maior o movimento - “esse homem ampliou o meu espírito”. E maior o desejo de dilatar o mundo - “A satisfação de ir ao encontro com o outro (a própria obra literária e o grupo) para o encontro comigo mesmo. (1/2012/R 64). Para além da fortaleza do si mesmo, “no princípio era o verbo”...

Se conseguir construir com o pensamento uma fortaleza da qual é impossível fugir, essa fortaleza pensada será ou igual à verdadeira – e nesse caso é certo que daqui nunca fugiremos; mas ao menos teremos alcançado a tranquilidade de quem sabe que está aqui porque sabe que não poderia se encontrar em algum outro lugar -, ou será uma fortaleza da qual a fuga é ainda mais impossível do que daqui – e então é sinal de que aqui existe uma possibilidade de fuga: bastará identificar o ponto em que a fortaleza pensada não coincide com a verdadeira para achá-la. (CALVINO, 2007, P. 269)

Cena 7: LabHum como uma *cena* – ou ato – dentro de nossa vida...

(1/2012/R 60)

O Laboratório, mais que um Laboratório de Humanidades dentro de uma Faculdade! Apreendo-o como um mundo real (plagiando o que foi dito por colegas "o inverossímil é o real") que conecta-nos com a vida humana com seus acertos e erros, tornando-nos mais propensos e abertos as novas descobertas de nosso próprio "eu" e dessa forma nos permitindo aceitar o "eu" do outro com toda a sua carga também.

Por vezes digerimos ideias e visões anos a fio sem nunca termos pronunciado ou dado "forma" a elas até o momento que temos esta oportunidade (Laboratório de Humanidades) e lançamos ao meio, estas ideias ou crenças revestidas e formatadas em palavras, encontramos um eco que por vezes pode não ter nada a ver conosco e nos indagamos o porquê, destas ideias ter nos acompanhado e cristalizado até então em nós?

[...] Já ocultamos em nós o medo de nos expormos normalmente e sermos julgados, com isso deixamos de vivenciar momentos incríveis com nossos companheiros da vida, para complicar mais ainda quando temos a coragem de nos expor vem uma tal de etiqueta apontar o momento de falarmos e nos priva mais uma vez de nossa fala se fazer ouvir, desta forma nos acostumamos ao calar não só para um grupo, mas para a vida. (1/2011/R 05).

Encontramos na disciplina equidade - não igualdade, pois somos diversos - e diálogo. Não há julgamentos, pois a experiência de leitura é como uma impressão digital, única e sinuosa, ainda que mutável. (2/2011/R 52).

No mundo de hoje dificilmente ansiamos pelo inesperado, por algo que fuja da lógica normal onde está assentada a rotina. E todos os fenômenos não programados deverão ser corrigidos como parte de uma ordem restrita que fixa os acontecimentos humanos em sentidos previamente dados. Neste cenário a exposição é um risco, fugir da média que determina uma chave geral de compreensão coloca em dúvida os sentidos que atribuímos à nossa própria vida. E desta forma “nos acostumamos ao calar não só para um grupo, mas para a vida.”

[...] foi possível por perceber o Admirável Mundo Novo (HUXLEY, 2009) muito semelhante ao mundo que vivemos hoje em muitos aspectos. Isso me trouxe grande desconforto pelo receio de viver num mundo em que não me percebo, ou, se me percebo, o que fazer com a tal percepção e aonde chegar com ela. (2/2011/R 25).

Perceber-se imperceptível e ainda assim permanecer parte dele nos priva não só da fala e da escuta, mas sobretudo,

Não queremos a paralisia do corpo, pois estes todos poderão ver, preferimos a paralisia da alma, ninguém vê, disfarça-se bem, vive-se feliz no entorno de iguais. (1/2012/R 61).

Diante deste cenário agônico e real um outro se mostra tão real quanto inverossímil, “O LabHum como uma *cena* dentro de nossa vida.” Participar de uma cena muda as coordenadas de referência ao considerarmos que é em cena que o ser humano se realiza em confronto com outros. Não mais rendido nem periférico, mas antes participativo e conectado “com a vida humana com seus acertos e erros”. Cena como uma arena para o confronto com outros e que tem como fundamento a potencialidade do diálogo, ou melhor, o princípio dialógico “[...] como o todo da interação entre várias consciências dentre as quais nenhuma se converteu definitivamente em objeto da outra.” (BAKHTIN, 1997, P. 17)

Bakhtin (1997) nos apresenta um livro de teses em seu *O Problema da Poética de Dostoiévski* e introduz duas novas concepções, o autor monológico e o autor polifônico. Concepções fundadas em dois princípios opostos e irreconciliáveis: o monológico diz respeito ao teorismo, a palavra fechada e morta da verdade abstrata; o princípio polifônico, por sua vez, permanece aberto para a vida e pela liberdade. No romance o autor monológico é aquele que retém controle sobre seus heróis, que serão sempre objetos de representação como ferramentas nas mãos do autor que os usa para expressão de sua própria verdade. E está relacionado a uma agressiva autoafirmação que no plano literário resulta na reificação do herói e do autor.

O autor polifônico, ao contrário, renuncia ao máximo ao controle sobre seus personagens permitindo a eles a busca de suas próprias verdades; em Dostoiévski a figura do autor se torna visivelmente ausente, expressão máxima da dialogicidade. Seus personagens não são objetos de seu discurso mas antes sujeitos desse discurso diretamente significante, numa autêntica polifonia de vozes plenas – plenas de valor – e como uma multiplicidade de consciências equipolentes – participam do diálogo em plena igualdade, não se

objetificam nem perdem seu ser –, sendo que seus mundos se combinam numa unidade de acontecimento. (pp. 4, 21)

Para Bakhtin, Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda parte penetrando toda a linguagem e em tudo que tem sentido e importância. E neste aspecto seria possível estabelecer correspondência entre as relações dialógicas como manifestações humanas (e humanizadora) e a dinâmica do “LabHum como uma cena em nossa vida”? Uma cena em oposição às relações puramente mecânicas, como um acontecimento vivo que irrompe no contato dialogado? Correspondência conforme apreendemos em Bakhtin sobre as relações entre autor polifônico e herói e entre seus personagens. Muito longe de estabelecermos uma teoria, nem apresentarmos o percurso filosófico do autor, mas, antes, buscando equivalências pertinentes que possam trazer luz ao fenômeno Laboratório de Humanidades em sua dinâmica.

Vejamos. Ao considerarmos que a esfera da existência se dá na comunicação dialogada entre as consciências, o ponto de contato entre vozes será onde nasce e vive a ideia. Uma ideia na consciência individual isolada de outros homens degenera e morre. Conforme a cena 7: “Por vezes digerimos ideias e visões anos a fio sem nunca termos pronunciado ou dado ‘forma’ a elas até o momento que temos esta oportunidade (Laboratório de Humanidades)”. Somente quando contrai relações dialógicas com as ideias dos outros, “e lançamos ao meio, estas ideias ou crenças revestidas e formatadas em palavras”, é que ela começa a ter vida: “encontramos um eco que por vezes pode não ter nada a ver conosco e nos indagamos o porquê, destas ideias ter nos acompanhado e cristalizado até então em nós?” Ou seja, recua, avança, se desenvolve, renova sua expressão, e mais importante, passa a gerar mais movimento, mais ideias. (BAKHTIN, 1997, pp. 86-87)

O pensamento monológico elucida e ordena seus objetos considerando o homem como magnitude final e definida que poderá servir de base para a construção de qualquer cálculo. Do enfoque dialógico, ao contrário, resultará antes um mundo de consciências que se elucidam mutuamente. Sozinha uma consciência não dá acabamento a suas ideias, ela precisa do confronto com outras, com outros homens verdadeiros e suas palavras. “Encontramos na disciplina equidade - não igualdade, pois somos diversos - e diálogo”. Equidade aqui poderia ser percebida como polifonia de vozes plenas participando

do diálogo. E multiplicidade de consciências equipolentes que não se objetificam, não perdem sua personalidade, “pois a experiência de leitura é como uma impressão digital, única e sinuosa, ainda que mutável”. Vida autêntica e única do indivíduo como uma impressão digital onde ele responde por si mesmo e se revela livremente. (BAKHTIN, 1997, pp. 6, 59, 87, 97)

Percebi o quanto a minha percepção do mundo havia mudado com as discussões e o quanto isso me libertava de uma tristeza que eu mesma me prendi ao longo de minha vida. (1/2011/R 12).

No plano monológico a personagem é fechada e tem seus limites delineados pela visão do autor. Será seu sólido campo de visão, seus pontos de vista, que estarão inseridos na consciência da personagem como uma imagem definida da realidade. O autor polifônico, o contrário, recusa todas essas premissas, “[...] Dostoiévski não cria escravos mudos (como Zeus) mas pessoas livres, capazes de colocar-se lado a lado com seu criador, de discordar dele e até rebelar-se contra ele.” (BAKHTIN, 1997, p. 4) No lugar de uma unidade definitiva do autor monológico, o autor polifônico reserva à sua personagem a última palavra sobre si como um momento da autoconsciência dela. (BAKHTIN, 1997, p. 51) O que se propõe aqui aos personagens, assim como aos participantes/leitores do LabHum, é a revelação não de uma imagem rígida e determinada, mas o resultado de sua consciência sobre si mesma e o mundo. Toda a realidade se torna elemento de sua autoconsciência. Disto decorre uma posição valorativa e racional, o que o mundo é para o personagem e o que ela é para si mesma. (BAKHTIN, 1997, pp. 46-47)

Tanto Dante (Cf. ALIGHIERI, 2012) quanto Alice (Cf. CARROLL, 2012) permitem-se perdidos. Perambulam por lugares desconhecidos, perturbam-se com as situações, questionam, e algo os mobiliza a continuar sua caminhada. Ao entrarem em contato com as situações, permitem o despertar do ser cognoscente, permitem que algo os acrescente. Deixam a mensagem do quão é necessário assumir-se perdido, percebendo-se andar em círculos, andar com objetivo, mas perceber que, por muitos momentos, esse caminho toma-se árduo, onde o seu trajeto envolve encontros com momentos que maltratam o corpo e a alma. Em alguns momentos, as lágrimas chegam, assim como certo desânimo, mas é preciso caminhar, é preciso chegar ao que se propõe, é preciso acreditar para não sucumbir no fundo do espelho de si mesmo, no inferno da alma.

E então, sente-se que existe odor no discurso das pessoas, algo que nos aproxima ou nos causa repulsa. A fala... O tom de voz... Alice se cansava dessa fala que nada dizia... Quantas vezes nos percebemos diante de falas vazias, não só de conteúdo, mas de significado, de ação. Nesse momento, encontro no livro *A Divina Comédia* essa linda frase (...) "acostuma teu olfato, pois convém acostumar o olfato ao mau cheiro. Assim não sofreremos tanto seus maus efeitos." (p. 48) A frase dita por Virgílio ao entrar no Inferno, remete a sensação de que tudo que nos causa um cheiro desagradável, por vezes é necessário que se adapte, para saber enfrentar, questionar, refletir e mudar quando necessário for. De nada adianta fugir. Por outro lado, também pode-se interpretar que nos acostumamos numa vida miserável, com poluição, ansiedade, depressão, solidão, uma correria insana, que nos leva a lugar nenhum, nessa pressa interna de pura ansiedade que nos cega diante das pequenas conquistas da caminhada (assim como a rainha conduz Alice), fazendo mil coisas ao mesmo tempo e ainda aquela sensação de fracasso, de que não damos conta de tudo... (1/2011/R 10).

Pleno diálogo em pé de igualdade onde Alice, Dante e Virgílio participam em coexistência com o relato sobre si e sobre o mundo do participante/personagem em cena. À consciência todo absorvente contrapõem-se outras consciências isônomas a ela. Sua palavra se encontra em íntima relação com a palavra do outro, mas não se funde, conserva sua autonomia como palavra. E tudo se dá em movimento, nada é neutro: perambulam, perturbam-se, questionam, mobilizam, despertam, assumem-se, desanimam, acreditam, sofrem, sentem odores, adaptam-se, enfim, "de nada adianta fugir". Ainda que com "aquela sensação de fracasso, de que não damos conta de tudo...". O resultado de sua autoconsciência se volta precisamente para a irremediável inconclusibilidade, a precária infinitude dessa consciência". (BAKHTIN, 1997, p. 50)

Conhecimento se dá na base do conflito, do diálogo, de uma consciência que segue em direção à outra consciência, onde percebemos duas possibilidades: uma consciência perdida dentro de sua polifonia interna, ou a consciência em diálogo com outra consciência. Tudo isto gera uma sensação de interpretação infinita, a fala está perdida no infinito. E diante deste infinito como se poderia ter sobre o homem uma palavra final?

Ponto marcante da história de Nelson Rodrigues (2004, V.1) é a capacidade do autor em fazer com que todos nós nos sentíssemos em algum momento do roteiro, incapazes de

"julgar" qualquer um dos personagens, como se em cada um de nós houvesse um pouco de Alaíde, um pouco de Lúcia, um pouco de Pedro e um pouco de Madame Clessi. (1/2012/R 62).

"Incapazes de julgar", de dar a última palavra sobre os personagens que aqui já fazem parte da polifonia interna do participante/leitor, "um pouco de Alaíde, um pouco de Lúcia, um pouco de Pedro e um pouco de Madame Clessi." Assim encontramos "um enredo no qual vários abismos se relacionam. Essa condição de abismo, que se materializa no discurso febril das pessoas procurando a si mesmas, procurando construir teorias e definir processos morais e éticos [...]". (PONDÉ, 2003, p. 128)

Muito se discutiu sobre a questão do julgamento. Dante (Cf. ALIGHIERI, 2012) julgava as pessoas e as colocava no inferno. Percebemos que o julgamento é inerente à condição humana. Estamos a todo o momento julgando as atitudes do outro, às vezes até mesmo sem perceber. Entrar em contato com essa realidade não é tão bom, principalmente por às vezes desconhecê-la em nós mesmos, perceber-se julgando e também ser julgado foi algo sentido por mim como negativo. Às vezes julgamos a partir de eventos fora de nós, ou seja, de alguns critérios pré-estabelecidos, o que nos torna isentos, pois não é a nossa opinião, mas estamos emitindo uma opinião de acordo com os tais critérios. Isso pode ser desumanizador, pois nos distancia do que é o humano.

A vaidade foi outro tema explorado entre os participantes. O que ficou marcado para mim é que a vaidade pode nos colocar na preocupação sobre o que o outro está pensando, e que isto pode nos tornar infelizes, pois nos afasta de nós mesmos. (1/2011/R 19).

"Perceber-se julgando e também ser julgado foi algo sentido por mim como negativo" porque diz respeito a uma definição externa emitida como uma palavra final. A questão da liberdade retorna conforme vimos com o Grande Inquisidor, o ser humano não quer liberdade, ele busca "critérios pré-estabelecidos, o que nos torna isentos, pois não é a nossa opinião, mas estamos emitindo uma opinião de acordo com os tais critérios". Retornamos aqui à objetivação, quando alguém acredita que tem a descrição última sobre o outro sendo impassível de contraposição. Este é um núcleo importante porque apresenta o risco de assumir algum critério como último, cessando assim a polifonia.

Diante de tantos temas discutidos, algo fez muito sentido para mim neste semestre: enquanto acreditarmos que somos donos da verdade e que a nossa maneira de pensar é a única passível de ser aceita, estamos isolados dentro do nosso próprio mundo, deixando de perceber o outro e que essa dentre outras características, pode tornar nós profissionais da área da saúde, contribuindo mais para a desumanização do que para tornar nossa relação com as pessoas mais humana e principalmente poder nos aproximar e aprender muito com elas. (1/2011/R 19).

Quando acreditamos que “somos donos da verdade” acabamos por impor aos outros um sistema de constrangimento que acaba por nos isolar “dentro do nosso próprio mundo”, porque nenhum outro é compatível com meu critério último. A polifonia por sua vez está imersa na materialidade da liberdade onde não há critérios fixos e definidos à revelia, de onde decorre um problema: assim a palavra vai de um lado para outro, o que é de fato angustiante. (PONDÉ, 2003, p. 137)

Deste livro da Alice (Cf. CARROLL, 2012) o que mais ficou para mim, é saber que temos a liberdade de escolhermos e argumentarmos, mesmo que seja para pessoas que não nos conheçam e que não nos compreendam, a argumentação é o que permite que sejamos nós mesmos, e muitas vezes para sermos nós mesmos e nos respeitarmos, temos que ter paciência e sabedoria para ouvir o próximo, talvez assim conseguiremos estar mais perto a tão aclamada humanidade no mundo atual. (1/2011/R 14).

A linguagem que não se pensa objetivante pode ser assim considerada: falar e deixar outro indivíduo falar, nunca fazendo do outro objeto de sua fala, ainda que “seja para pessoas que não nos conheçam e que não nos compreendam”. Isto contraria uma fé na autossuficiência de uma só consciência em todos os campos da vida que é característica particular e estrutural da Idade Moderna, que acaba por determinar todas as formas de manifestações de vida e criação. Assim, descarta a individualidade tornando a dissonância uma contradição prejudicial dentro de um todo unificado num princípio de monotonia. (BAKHTIN, 1997, p. 81)

Por outro lado, com Nelson Rodrigues e seu “Vestido de Noiva” (2004, V.1), ficou claro que a beleza da vida está justamente nas suas imperfeições e que o ser humano é naturalmente

decepcionante e, talvez por essa característica, seja tão fascinante, tão real! (1/2012/R 62).

Para além dos critérios “o ser humano é naturalmente decepcionante”, por não ser passível de objetivação não existe como chegar a um conhecimento último sobre ele. Sua autoconsciência vive de sua inconclusibilidade, de seu caráter não fechado e de sua insolubilidade.

Todos sentem vivamente a sua imperfeição interna, sua capacidade de superar-se como que interiormente e de converter em *falsidade* qualquer definição que os torne exteriorizados e acabados. Enquanto o homem está vivo, vive pelo fato de ainda não se ter rematado nem dito a sua última palavra. (BAKHTIN, 1997, p. 59)

No enfoque polifônico o ser humano comporta contradições e controvérsias, a ele é dada a palavra, porém, não há síntese possível. Permanecer humano nesta perspectiva nos remete à ideia de produção contínua de conhecimento, eterna e infinita, que não chegará a um critério último, somente a mais polifonia. Assim, o homem deve passar pela agonia de não conseguir se definir, nem aos outros, de não conseguir ter a si mesmo nas mãos, porque ele mesmo se ultrapassa. (PONDÉ, 2003, p. 128, 133)

O inferno (Cf. ALIGHIERI, 2012) nos habita, viver é sentir dor. Para conviver com o outro, é preciso rever verdades e isso irá tocar os egos, mexer com as vaidades, como um chocalho novo. Brigamos? Ponderamos? Remoemos? A lista de interrogações pode ser infinita, repetitiva e infernal. (1/2011/R 20).

Uma posição dialógica levada seriamente afirma a liberdade interna, a falta de acabamento e de solução. E se realiza no momento presente do processo artístico, ou percurso estético, como “[...] o todo não-fechado da própria vida situada no limiar”. (BAKHTIN, 1997, p. 63) E assim, sem acabamento nem sistemas,

Olhar-se no espelho é um exercício desafiador. Mostra nossos erros, nossa ignorância. É um choque de realidade. Entretanto nos dá a possibilidade de admitirmos o quão pequenos somos. E é esta consciência que nos impulsiona para nos tornarmos mais humildes e menos egocêntricos. A reflexão gera um movimento de desconstrução e de humanização. (1/2011/R 03).

A questão humana não conta com uma existência autônoma, mas é dependente de outros transcendentais como valor. Com uma “consciência que nos impulsiona para nos tornarmos mais humildes e menos egocêntricos”. Em última instância a autonegação nos leva a autorrealização, a oposição polarizada da humildade é o orgulho, orgulho ao proclamar a autossuficiência que busca definir o outro e a si mesmo.

Não é todo dia que encontramos Zorba (Cf. KAZANTZAKIS, 1973) em nosso entorno, e quando encontramos nos sentimos primeiramente desconfortáveis - sujeito bruto na forma, rude, já matou, lutou, estuprou. Se observarmos mais de perto, com atenção e sensibilidade, perceberemos homem sábio, lutador e de grande amor. Durante a narrativa, me senti com uma maior leveza de espírito e como o narrador - "Via, vivenciava com nitidez aquele espantoso espetáculo: eu me modificando".
[...] Imaginava quem da minha convivência se assemelhava à Zorba - amigos, familiares, pacientes - e conseguia aceitá-los e entendê-los melhor. Por exemplo, não era possível eu orientar uma pessoa que comeu, bebeu, teve sentimentos intensos (negativos e positivos) em sua vida inteira a ter uma alimentação saudável, uma vida regrada com o mínimo de estresse (do meu ponto de vista e do ponto de vista de uma pessoa que quer evitar doenças cardíacas), eu precisava achar um meio termo. Zorba possibilitou achar um caminho do meio, só pelo fato de aceitá-lo melhor e assim entendê-lo. Existe também um pouco de Zorba em cada pessoa, por mais "narradora" que ela possa ser. (2/2011/R 25).

A impossibilidade de estabelecer sínteses sobre a condição humana, ou sobre um personagem, nos traz um ganho, ainda que desconfortável. Zorba não atende nenhum critério fixo moral ou de valor e comporta nele mesmo todas as contradições possíveis, é “rude, já matou, lutou, estuprou” mas também é capaz ao mesmo tempo de “grande amor”. Saber que “existe também um pouco de Zorba em cada pessoa, por mais "narradora" que ela possa ser”, recoloca a polifonia de volta à vida. Ser “narradora” neste contexto significa ser como o personagem que viveu muito teoricamente, mas que no contato com Zorba, “via, vivenciava com nitidez aquele espantoso espetáculo: eu me modificando”.

E nesse contorno todo, uma lição: parece-me que são as histórias que vivem através de nós (ou dos personagens do livro), ao invés de nós estarmos a criar. Parece-me que temos um *ponto de mistério* e que não podemos explicar. Tentar

explica-la é de alguma forma, querer garantias, racionalizar, operar e por assim dizer, apenas instrumentalizar a vida. (1/2012/R 64).

Aqui retomamos a mudança de coordenadas de referência ao considerarmos “O LabHum como uma cena – ou ato - dentro de nossa vida” que traz a potencialidade do diálogo como fundamento. E a impossibilidade de estabelecer sínteses nos leva diretamente à percepção “que temos um ponto de mistério e que não podemos explicar”, e que diz respeito à incapacidade humana de falar definitivamente. Para além de uma experiência de estranheza angustiante, acostumados estamos à submissão de sentidos com pretensões universalizantes; isto nos coloca numa tensão produtiva entre o que conhecemos e o que não podemos conhecer. Dada a característica de inconclusibilidade, do caráter não fechado e insolúvel de nossa humanidade experimentada na dinâmica das discussões, será que não poderíamos aqui identificar uma estética que se revela ao presentificar o ainda não dito? Um acontecimento, ou ato, onde “A realidade toda – escreveu Dostoiévski – não se esgota no essencial, pois, uma grande parte deste nela se encerra sob a forma de *palavra futura ainda latente, não-pronunciada.*” (BAKHTIN, 1997, p. 89)

É interessante notar que mesmo imersa há muitos anos no discurso corrente da humanização - com um desconforto ao qual faltava nome, somente agora ao finalizar o ciclo, percebo do que se tratava: muita coisa da prática cotidiana escapa à humanização, mas não por descuido. Talvez seja aqui, no termo 'escapa', que resida o que quero concluir sobre aquela primeira marca de minha jornada, a palavra.

Em quase todas as discussões do Laboratório, era este termo em que eu detinha-me. Isto porque, em todas elas, algo sempre parecia escapar à palavra. Eu me perguntava: Não seria isso o que funda as humanidades? O fato de algo sempre escapar, não seria isso o que marca o ser humano? Entretanto, mesmo que não plena, mesmo que geradora de mal entendidos e desavenças, não há escapatórias! É pela palavra que nos diferenciamos dos outros seres. E então, não é isso (o que escapa) que nos torna humanos, marcando-nos de forma singular?

Dessa forma, a palavra é mesmo cheia de sabores, a grande responsável pela humanização. A palavra humaniza, devolve a condição de dignidade a enfermos, por exemplo, permite a estes experimentarem dimensões que só poderiam experimentar pela via da palavra, estando impossibilitados em um leito de hospital. (2/2011/R 26).

Diante da fundamental não coincidência consigo mesmo, enquanto vive o homem não pode pronunciar a última palavra sobre si mesmo e sobre o mundo. E neste todo não-fechado como um palco de ambiguidades, contradições e confrontos, uma dimensão mais personalizada pode se abrir:

Por fim reflito sobre a vida autoral, aquela em que somos os escritores de verdade (como Alice é na obra), e não apenas peças manipuladas do xadrez. (Cf. CARROLL, 2012) Traçamos nossa história de acordo com o que acreditamos e com o que queremos (ou podemos) enxergar.

A beleza está no que é real, e não na fantasia. Buscar utopias gera desesperança, pessimismo. O real, mesmo não sendo o ideal, é muito melhor do que o utópico simplesmente por existir. (1/2011/R 03).

A ação humana comporta um sentido de desconhecido e indefinido, de algo que não podemos nos apropriar: E é exatamente porque algo “escapa” destituindo as certezas definitivas, que o acontecimento do LabHum como ato possibilita uma expressão que é forma e movimento. A experiência estética da indeterminação enlaça as consciências no plano da criação possibilitando escolhas como efeito daquilo que “escapa”. “Ao ler os dois livros, fica muito evidente de que não somos os donos da vida, mas somos responsáveis por nossas escolhas.” (1/2011/R 10).

Assim, uma atividade criativa de leitura com possibilidade de trânsito dialógico e original acaba por convocar a consciência numa integração entre ética e estética. Priorizada sua singularidade, ainda que ancorada num “ponto de mistério”, a implicação na vida real se dá porque o ganho de sentido acontece para cada um, em confronto com outras consciências. Entre validades genéricas e a unidade do ato na tomada de cada decisão encontramos uma força responsável. “Arte e vida não são a mesma coisa mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade de minha responsabilidade”. (BAKHTIN, 2006, p. xxxiv)

[Marco Pólo] Quem comparece à praça em momentos consecutivos nota que o diálogo muda de ato em ato, ainda que a vida dos habitantes de Melânia seja breve demais para que possam percebê-lo. (CALVINO, 1990, p. 77)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ponto, já aludida, fico aqui pensando que se tivesse um encontro entre Nelson (Cf. RODRIGUES, 2004, V.1) e Goethe (Cf. 2009), o que um poderia dizer ao outro? Bem, diria Goethe: *“Vamos nos salvar pela formação”*. Nelson, com sua ligeira inteligência, rebateria: *“Caro amigo, Goethe, formações são apenas cortinas de desespero e não o desespero”*. Bem, um encontro nunca seria possível. Mas na arte é na leitura é nas histórias reais ou fantasmáticas também é. Sabe, aquelas coisas que nos afetam de sobressalto, fazendo a gente acreditar no impossível? Pois bem, penso que viver seja isso. Um grande susto suspenso no espaço. Não é tão fácil, nem tão simples a constatação, mas temos a arte da leitura e da história para acreditarmos e quase invocarmos novos caminhos, novos modos de ver e de vir a ser, não importando se o que vem primeiro seja a realidade, seja a imaginação da realidade. (1/2012/R 64).

Vivemos em todas as áreas de nossa vida uma situação que acaba nos conduzindo ao retorno do “cajado”, uma emergência de aspiração coletiva no estabelecimento de critérios finais e confiáveis que possibilitassem o alívio da angústia de existir. Aguardamos critérios externos nos quais não nos sintamos responsabilizados em relação ao que deve ou não ser feito, ao que possamos considerar como bom ou não. O preço a ser pago por este novo posicionamento é a percepção que os indivíduos, no sentido forte do termo, perderam seu abrigo, tamanha a flexibilidade dispendida para se conformar às demandas externas. E, o pior, perderam em consequência um lugar de onde pudessem fazer oposição. Sujeitos flexíveis e sem paradeiro, perfeitamente capazes de se tornarem estranhos locatários habitando posições, modos de pensamento e escolhas de toda sorte de morada. (MELMAN, 2008)

Existências que passam a buscar clausuras confortáveis não mais perturbadas pelas exigências decorrentes de “acreditar no impossível” e de “invocarmos novos caminhos, novos modos de ser e de vir a ser”. Desejo humano necessita do desconforto, daquilo que “escapa” à palavra, e diante do que poderíamos dizer o que não é como se deve ser. No lugar do desconforto legitimamos “poções” mágicas como aquilo que poderia sanar nossa insatisfação diante do mundo e de nós mesmos. Passamos a lidar com indivíduos não responsáveis, vítimas, que não sustentam suas próprias vidas numa aventura singular, preferem antes destinar seu percurso às circunstâncias coletivas e

exteriores, objetivando-se e buscando reparação nesta mesma coletividade por tudo que sentem como falta, desconforto, não satisfação.

Não será pouco o sofrimento do sujeito que se torna assim uma espécie de funcionário do mundo, capturado e cativo num sistema que visa se organizar em termos de “bem-estar” e satisfação. O que resulta em alguém manipulável e manipulado, com laços sociais pobres, caracterizados pela similitude e convergência de seus adeptos. Será isso mesmo que queremos?

A crise do aprender precisa ser vivida, na necessidade de encontrar palavras como forma de sintetizar as experiências, de compreender a necessidade de partilhar afetos, de exteriorizar o incomunicável sem dar todas as chaves, mas aplicar e progredir no mundo real, uma formação passa por vontade, comoção, transformação. E da crise e da confusão que conseguimos extrair lições, que dirá Alaíde do “vestido de noiva” (Cf. RODRIGUES, 2004, V.1), que somente conseguiu organizar sua vida, suas compreensões de si e de seu entorno no momento da morte. Quantos mais não passaram assim por nós, profissionais da saúde?

O que fica como uma nova lição no processo de formação é que a arte concede seu espaço para que as tensões aprisionadas possam ser libertas, para que os sentidos possam ser codificados em realidade, e a literatura, em especial o teatro, pode trazer em poucas palavras, diálogos, dramas, representações que ao se projetarem para fora do papel, reconfiguram o artista e o público. (1/2012/R 73).

Na área da Saúde e Educação similitude e convergência criam contornos trágicos quando oferecemos nossa própria pele para ser tratada como pele alheia nos estatutos que determinam o humano, e a humanização na Saúde, validada num efeito de massa, mas que nunca será definitivamente adquirido (assim esperamos). “A crise do aprender”, formação, nos leva, ao contrário, numa busca pela palavra própria que possa “exteriorizar o incomunicável” sem chaves garantidas. “Formação passa por vontade, comoção, transformação”.

O sentido e a proposta deste trabalho se dá nesta dimensão do impossível; no lugar de testemunharmos uma fala que não diz nada e jamais convoca ao ato, apresentamos a proposta formativa que encontramos no Laboratório de Humanidades. Da mesma maneira que o relato: “Alaíde do Vestido de Noiva, que somente conseguiu organizar sua vida, suas compreensões de si e de seu entorno no momento da morte” compreendemos que uma síntese definitiva, uma última palavra sobre si mesmo e o mundo,

somente será possível na morte. Até lá, vida nos parece mais afeita às contraposições dialógicas, onde a polifonia leva a mais polifonia, possibilitando assim produção de conhecimento infinito sobre o homem e o mundo, mas sempre em devir. Assumindo uma antropologia que comporta o caráter de inacabamento e inconclusibilidade, a coexistência e interação entre várias consciências que não se objetificam. E, sobretudo, buscando auscultar, como Dostoiévski, as relações dialógicas como manifestações humanas e humanizadoras na dinâmica do “LabHum como uma cena – ou ato – em nossa vida”, *Paidéia* crítica em seu percurso estético em confronto à noção de Perfectibilidade. E assim, quem sabe,

Se ao menos pudéssemos descobrir em nós mesmos ou em nossos semelhantes uma atividade afim à criação literária!
(FREUD, (1908 [1907]), p. 135)

BIBLIOGRAFIA

- ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Reflexões sobre o Problema do Amor e O Erotismo**. Trad. Daniel Abreu. São Paulo: Landy Editora, 2005, p. 47.
- BAKHTIN, M. **O Problema da Poética em Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo : Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, M. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V.. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. São Paulo: Jorge Zahar: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Jorge Zahar: Jorge Zahar, 2000.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. São Paulo: Jorge Zahar, 2011.
- BAUMAN, Z., DONSKIS, L. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na Modernidade Líquida** . São Paulo: Jorge Zahar, 2014.
- BECKER, E. **A Negação da Morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BERLIN, I. *Notas sobre o preconceito*. Trad. Mário Nogueira de Oliveira. **Fundamento** - Revista de Pesquisa em Filosofia, Ouro Preto, n. 5, jul-dez-2012. Disponível em : <<<http://www.revistafundamento.ufop.br/index.php/fundamento>>>.
- BITTAR, Y.; SOUSA, M. S. A.; GALLIAN, D. M. C. *A experiência estética da literatura como meio de humanização em saúde: o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo.*, **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 17, n. 44, mar 2013. Available from. access on 03 July 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832013000100014>.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Humaniza SUS:** Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde Secretaria-Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização, 2003.

CAILLÉ, A.; LAZZERI, C.; SENELLART, M. (.). **História Argumentada da Filosofia Moral e Política:** a Felicidade e o Útil. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

CALVINO, Í. **As Cidades Invisíveis.** Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Í. **Assunto encerrado:** discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CALVINO, Í. **Por que ler os Clássicos.** Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CALVINO, Í. **Todas as Cosmicômicas.** Trad. Ivo Barroso, Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMUS, A. **O Mito de Sísifo.** Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

CARROLL, L. **Alice - Aventuras de Alice no País das Maravilhas:** Através do Espelho e o que Alice Encontrou Por Lá. São Paulo: Zahar, 2012.

COATES, R. **Cristianity in Bakhtin:** God and the exiled author. New York : Cambridge University Press, 2005. (Cambridge Studies in Russian Literature).

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CONRAD, J. **O Coração das Trevas.** Tradução de Trad. Celso M. Paciornick. 1a.. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

DALRYMPLE, T. **A Vida na Sarjeta:** o círculo vicioso da miséria moral. São Paulo: É Realizações, 2014.

DELUMEAU, J. **A Civilização do Renascimento.** Lisboa: Edições 70, 2004.

DOSTOIÉVSKI, F. M. **Memórias do Subsolo.** Tradução de Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, F. M. **O Idiota.** Tradução de Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

DOSTOIÉVSKI, F. M. **Duas Narrativas Fantásticas:** A Dócil e O Sonho de um Homem Ridículo. Tradução de Trad. Vadim Nikitin. São Paulo: Editora 34, 2003.

DOSTOIÉVSKI, F. M. **Os Demônios.** Tradução de Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.

DOSTOIÉVSKI, F. M. **Irmãos Karamázov**. Tradução de Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, v. 2 , 2008.

FORBES, J. *O Chato e o poeta*. In: **Psique - Ciência e Vida**, São Paulo, Editora Escala, n. 58, outubro 2010.

FREUD, S. (2006). **Escritores Criativos e Devaneio**. (1908 [1907]) (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. IX). Rio de Janeiro: IMAGO.

FREUD, S. (2006). **Reflexões para os tempos de Guerra e Morte**. (1915) (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XIV). Rio de Janeiro: IMAGO.

FREUD, S. (2006). **Sobre a transitoriedade**. (1916 [1915]) (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XIV). Rio de Janeiro: IMAGO.

FREUD, S. (2006). **O Mal-Estar na Civilização**. (1930 [1929]) (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XXI). Rio de Janeiro: IMAGO.

GALLIAN, D. M. C. “*As Humanidades e o Saber Médico*”, **Notandum**, Salamanca, 9, 2002. 47-50. <http://www.hottopos.com/notand9/dante.htm>.

GALLIAN, D. M. C. *Literatura e formação humanística em medicina: o experimento do Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP*. **Revista de Medicina**, v. 91, n. 3, 2002. <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/58979>.

GALLIAN, D. M. C. “*Por detrás do último ato da ciência-espetáculo: as células-tronco embrionárias*”. **Estudos Avançados**, São Paulo, 19, n. 55., Dec 2005. Available from. access on 06 July 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000300018>.

GALLIAN, D. M. C. A. *A (Re)humanização da Medicina*, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://hottopos.com/convenit2/rehuman.htm>>. Acesso em: 14 fev 2012.

GALLIAN, D. M. C. Et Al *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação*. Projeto de Pesquisa Regular. **FAPESP**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/27591/as-patologias-da-modernidade-e-os-remedios-das-humanidadesinvestigacao-e-experimentacao/>>. Acesso em: 14 fev 2012.

GALLIAN, D. M. C.; PONDÉ, L. F. . RUIZ, R. *Humanização, Humanismos e Humanidades: Problematizando Conceitos e Práticas no Contexto da Saúde no Brasil*. **Revista Internacional de Humanidades Médicas**, Madrid, Espanha, v. 1, n.1, p. 5-15., 2012. Disponível em: <http://salud-sociedad.com/publicaciones/revista> último acesso em ago 2012.

GALLIAN, D. M. C.; REGINATO, V. *Relação assistencial e sua humanização*. In: RAMOS, D.L.P. (Org.). **Bioética, Pessoa e Vida**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009. 117-133. p.

GEERTZ, C. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GOETHE, J. W. V. **Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2009.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Globo, 2009.

HUXLEY, A. **Contraponto**. São Paulo: Editora Globo, 2006.

JAEGER, W. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KAUFMANN, W. **The Future of the Humanities: teaching Art, Religion, Philosophy, Literature and History**. New Brunswick, London: Transaction Publishers, 1995.

KAZANTZAKIS, N. **Zorba, o grego**. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1973.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIMA, C.C.; GUZMAN, S.M.; BENEDETTO, M.A.C.; GALLIAN, D.M.C. Humanidades e humanização em saúde: a literatura como elemento humanizador para graduandos da área da saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 18, n. 48, 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000100139&lng=en&nrm=iso>..

MALINOVSKI, M. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MALINOVSKI, M. **Um Diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MIGUEL, R.P. A Arqueologia de uma Babel Moderna: Fundamentos Históricos-Filosóficos da Política Nacional de Humanização (PNH). 2014. 111 f. (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo. 2014.

MIRÂNDOLA, P. **Discurso sobre a Dignidade do Homem**. Lisboa: Edições 70, 2008.

OAKESHOTT, M. **El Racionalismo en la Política**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

OFRI, D. *Suicídio Médico: A tirania da perfeição*. **Revista de Medicina**. Brasília, CFM, Mai/ Ago 2014, p. 98.

ORTEGA Y GASSET, J. **A Missão da Universidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

ORTEGA Y GASSET, J. **A Desumanização da Arte**. 5a. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OUSAGER, J. A. J. H. *Humanities in Undergraduate Medical Education: A Literature Review.*, doi: 10.1097/ACM.0b013e3181dd226b. **Humanities in Medical Education.**, Volume 85 - Issue 6, June 2010. 988-998. doi: 10.1097/ACM.0b013e3181dd226b. Humanities in Medical Education. http://journals.lww.com/academicmedicine/Abstract/2010/06000/Humanities_in_Undergraduate_Medical_Education__A.22.aspx. Ultimo acesso em: 14 de fev. 2012.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. CARVALHO, R.N.B. **Metamorfoses em Tradução**. 2010. 158 f. (Pós Doutorado Letras Clássicas) - Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2010.

PASSMORE, J. **A Perfectibilidade do Homem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

PONDÉ, L. F. **A Era do Ressentimento**: uma agenda para o contemporâneo. São Paulo: LeYa, 2014.

PONDÉ, L. F. **Do humanismo ridículo**: a crítica da perfectibilidade humana em Pascal e Lutero., Belo Horizonte, 47 n. 114, Dez 2006. Disponível em. acessos em 14 jul. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2006000200010>.

PONDÉ, L. F. **Crítica e Profecia**: a Filosofia da Religião em Dostoiévski. São Paulo: Editora 34, 2003.

PONDÉ, L. F. *O voo do corvo sobre os jardins da Torre de Babel*. **Ide Psicanálise e Cultura**. São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, v. 31, n. 47, 2008.

RIBEIRO, R. J. (.). **Humanidades; um novo curso na USP**. São Paulo: Edusp, 2001.

RIOLFI, C.R. *A criança errante*. In: **Formação de Profissionais e a Criança Sujeito**, 7. 2008, São Paulo. Disponível em <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100023&script=sci_arttext>>

RIOLFI, C.R., BARZOTTO, V.H. Alunos que erram: os paradoxos entre o uno e o múltiplo na produção textual. In: MRECH, L.M.; PEREIRA, M.R. **Psicanálise, transmissão e formação de professores**. Belo Horizonte: Fino Traço/FAPEMIG, 2011.

RODRIGUES, N. *Senhora dos Afogados*. In: **Teatro Completo de Néilson Rodrigues**: Peças Míticas. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004

RODRIGUES, N. *Vestido de Noiva*. In: **Teatro completo de Nelson Rodrigues**: Peças Psicológicas. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

RODRIGUES, N. **O Óbvio Ululante**: as primeiras confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

RODRIGUES, N. **Nelson Rodrigues por Ele Mesmo/ organização Sônia Rodrigues**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ROSSET, C. **O Real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Porto Alegre: L&PM Editores, 1988.

SAKAMOTO, J. I. *Laboratório de Humanidades com Paidéia Crítica*: Percurso Estético em Confronto a noção de perfectibilidade como dinâmica humanizadora em Saúde. **Revista Internacional de Humanidades Médicas**, Madrid, 2013, pp. 49-57.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna.**, São Paulo, 2 n.2, 1998. Available from. access on 07 July 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>.

SHATTUCK, R. **Conhecimento Proibido**: de Prometeu à Pornografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, M. R. **Experimentando Goethe**: O romance “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister” como desencadeador de reflexão e humanização numa cenário de formação humanística na área da saúde. 2013. (Mestrado em

Ciências) - Programa de Pós graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo. 2013.

SILVA, M.R.; SAKAMOTO, J.; GALLIAN, D.M.C. A cultura estética e a educação do gosto como caminho de formação e humanização na área da saúde. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 12,n. 1,abr. 2014 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462014000100002&lng=pt&nrm=iso>.

TARKOVSKI, A. A. **Esculpir o Tempo**: Tarkovski. Tradução de Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TODOROV, T. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TOLSTÓI, L. **A Morte de Ivan Ilitch**. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2006.

TOLSTÓI, L. **Anna Kariênina**. Tradução de Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naif, 2005.

VEGA RODRIGUEZ, P. **Frankensteiniana**: La Tragédia Del Hombre Artificial. Madrid: Tecnos/Alianza, 2002.

VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **O discurso na vida e o discurso na arte (sobre poética sociológica)**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. [S.l.]: Circulação para fins didáticos, [s.d]. pp. 1-25, 1926.

Anexos

Período	Nº Relatórios	Identificação	Obras lidas no período
1º Semestre 2011 109 páginas	22	*1/2011/R 01 à 1/2011/R 22	-A Divina Comédia Dante Alighieri -Alice através do espelho e o que Alice encontrou por lá Lewis Carroll
2º Semestre 2011 129 páginas	34	*2/2011/R 23 à 2/2011/R 46 **2/2011/R 47à 2/2011/R 56	- Admirável Mundo Novo Aldous Huxley - Zorba, o grego Nikos Kazantzakis
1º Semestre 2012 91 páginas	26	*1/2012/R 57 à 1/2012/R 74 **1/2012/R 75 à 1/2012/R 82	- Os Anos de Aprendizado de Wihelm Meister Johann Wolfgang von Goethe - Vestido de Noiva Nelson Rodrigues
2º Semestre 2012 44 páginas	12	*2/2012/R 83 à 2/2012/R 94	- Anna Kariénina Liev Tolstói - O Coração das Trevas Joseph Conrad
Total 373 páginas	94		

* Relatórios de alunos da Pós Graduação e Participantes Livres.

** Relatórios de alunos da Graduação em Medicina e Enfermagem.

AUTORIZAÇÃO

Venho autorizar a doutoranda Jacqueline Izumi Sakamoto o acesso aos relatórios dos participantes do Laboratório de Humanidades do CeHFi-EPM-UNIFESP para que ela possa assim realizar sua pesquisa sobre “Laboratório de Humanidades como Paidéia Crítica: Percurso Estético em Confronto à Noção de Perfectibilidade como Dinâmica Humanizadora na Saúde” que está sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Medicina Preventiva da EPM-UNIFESP, sob minha orientação.

Ciente estou de que a pesquisadora se compromete em manter os autores dos relatórios anônimos em sua pesquisa.

São Paulo, março de 2012



Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian
Diretor do CeHFi EPM-UNIFESP